

Universidade Federal Fluminense

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia

Departamento de História

Solano Trindade: luta, poesia e teatro

Possibilidades de análise de raça e classe social no Brasil (1940 – 1960)

Camila Pizzolotto Alves das Chagas

Niterói

2017

Solano Trindade: luta, poesia e teatro

Possibilidades de análise de raça e classe social no Brasil (1940 – 1960)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
parte dos requisitos necessários à obtenção
do título de Mestre em História.

Orientadora: Sonia Regina de Mendonça

Niterói

2017

Solano Trindade: luta, poesia e teatro

Possibilidades de análise de raça e classe social no Brasil (1940 – 1960)

Camila Pizzolotto Alves das Chagas

Orientadora: Sonia Regina de Mendonça

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História
da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Mestre em História.**

Aprovada por:

Professora Dra. Sonia Regina de Mendonça (Orientadora).

Professor Dr. Muniz Ferreira

Professor Dr. Cezar Teixeira Honorato

Niterói

2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C433 Chagas, Camila Pizzolotto Alves das.
Solano Trindade: luta, poesia e teatro Possibilidades de análise de raça e classe social no Brasil (1940 – 1960) / Camila Pizzolotto Alves das Chagas. – 2017.
118 f.
Orientadora: Sonia Regina de Mendonça.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.

Bibliografia: f. 111-118.

1. Raça negra. 2. Classe social. 3. Trindade, Solano, 1908-1974. 4. Marxismo. 5. Negros. 6. Movimentos sociais. I. Mendonça, Sonia Regina de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências

RESUMO

O presente trabalho busca compreender de que maneira os conceitos de “classe social” e “raça” se relacionam na militância e na obra do poeta Solano Trindade, entre 1940 e 1960. Exploramos como as categorias de classe social e raça, no Brasil, são indissociáveis. Relacionamos os conceitos para entender como a luta e a poesia de Trindade consolidaram-se como um discurso contra-hegemônico. Partindo da metodologia do Estado ampliado formulada por Gramsci e desenvolvida por Sonia Regina de Mendonça, investigamos de que modo Solano Trindade se associou à aparelhos privados de hegemonia como o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e sua atuação em diversas organizações do movimento negro, entre eles o Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB).

Palavras-chave: Raça, Classe, Solano Trindade, Marxismo, Movimento Negro Brasileiro.

ABSTRACT

The present work seeks to understand how the concepts of "social class" and "race" are related in the militancy and work of the poet Solano Trindade, between 1940 and 1960. We explore how social class and race categories in Brazil are inseparable. We relate the concepts to understand how the struggle and the poetry of Trindade consolidated as a counter-hegemonic discourse. Considering Gramsci's Expanded State methodology and developed by Sonia Regina de Mendonça, we investigated how Solano Trindade joined the devices private hegemony as the Brazilian Communist Party (PCB) and his performance in several organizations of the black movement, among them the Afro-Brazilian Culture Center (CCAB).

Key Words: Race, Class, Solano Trindade, Marxism, Brazilian Black Movement.

*Para todos aqueles que são
incansáveis. Para meus pais,
Claudia e Chico, por não arredarem
o pé da luta cotidiana. Para minha
sobrinha, Isabela, vento na vela, que
me empurra pra frente.*

Agradecimentos

É estranho pensar que quase dois anos se passaram desde que recebi a notícia de que havia passado no mestrado em História Social na UFF. Dois anos é muito pouco para o tanto que aconteceu nesses vinte e quatro meses e quantas pessoas foram e chegaram na minha vida nesse meio tempo. Agora esse ciclo chega ao fim, com um produto final não-acabado e que, apesar de levar meu nome, é fruto de tanta gente torcendo, debatendo, orientando, me dando abraços, amor, ombros amigos.

Olhar para trás nesse processo é um tanto estranho, porque tem gente que está tão perto e nos ajuda há tanto tempo, que muitas vezes parece ser uma força da natureza, que existem porque têm que existir. Eu nunca entraria no mestrado em História ou mesmo na graduação se não tivesse pais tão incríveis. Quando, aos dezessete anos, escolhi que estudar e lecionar História seria a minha profissão, algumas pessoas alertaram Chico e Claudia do “erro” que a filha deles estaria cometendo. Ao saber da notícia de que havia passado no vestibular, eles receberam a nova e contaram para os amigos com tanto orgulho quanto se eu tivesse escolhido Medicina. Isso porque eles entendem que estudar e aprender História é fundamental para qualquer ser humano, para sua formação pessoal e política. São pessoas maravilhosas que acreditam em mim todos os dias, quando eu penso em desistir. São aqueles que me ensinaram na prática e no afeto que a revolta com a injustiça é a luta que devemos travar todos os dias. Os dois são meus companheiros de vida. Não sei nem por onde começar a agradecer.

Agradeço ao meu irmão Pablo, que, aos poucos, entendeu o quanto isso é importante pra mim e o quanto eu sinto prazer em fazer o que faço. Agradeço por me ensinar a viver a realidade de forma mais plena e intensa, quando se joga com paixão naquilo que acredita. Para minha cunhada Fernanda, porque sem seu afeto e

delicadeza nossa família não seria a mesma. Por não perder o olho da gentileza um dia sequer.

Agradeço aos meus primo-irmãos Rafa, Duda e Eloísa. Não é qualquer um que encontra na própria família companheiros de jornada. Os dois primeiros pelo ensinamento diário de que um olhar sensível pro mundo independe de titulações acadêmicas. Por abrigarem revolta e amor na mesma quantidade. À Lolo, minha dupla, o que eu tenho de melhor e que agora carrega mais um Pizzolotto.

Naquele 2014 de tanto estudo, muitas pessoas foram fundamentais para que eu entrasse nessa, chegando assim com uma dissertação em mãos em 2017. Uma dos meus pilares daqueles tempo sem dúvidas foi (e continua sendo) a Amanda, minha grande amiga desde o final da graduação e que se tornou minha irmã, e muitas vezes mãe, nesse processo. Ela, que estava concorrendo para mesma linha de pesquisa que eu, me mostrou um companheirismo tão gigante que é difícil descrever. Muitas vezes tenho a impressão de que ela torce mais por mim do que por ela mesma. Passamos noites virando enfiadas em livros, debatemos textos, ideias e, sobretudo, dividimos a angústia que é ter que passar pelo crivo da prova, da memória. O resultado, que naquele momento era um final feliz, veio para as duas. Amiga, companheira de vida e de mestrado. Obrigada sempre.

Agradeço àquela que é meu porto seguro, Luiza, com quem aprendo diariamente a ser menos dura. Pelos dias em que dividimos tudo, pelos dias que ainda dividiremos. Agradeço imensamente à Juliana, pelos livros que lemos, pelos filmes que vimos, pelas praias, pessoas, brigas e lugares em que estivemos juntas. Por confiar em mim.

Obrigada à Fernanda porque a vida sem ela teria muito menos sentido. Pelas risadas, cervejas, noites e choros em calçadas da Lapa.

Faltariam páginas para dizer “obrigada” à Bárbara. Além de amiga, é de uma força gigantesca, compartilhou e dividiu comigo os obstáculos de estudar Raça e Classe. Sem dúvidas essa pesquisa não teria começado sem a sabedoria e a sensibilidade dela.

Agradeço à Renata, pelos dias compartilhando alegrias e frustrações. Por entender exatamente o que se passou nos meses finais da escrita da dissertação, pela força que passou pra mim.

Ao Diogo, por ser fiel aos seus princípios, pelos valores ensinados e principalmente por reclamar junto comigo das coisas. Ao Prego pelo companheirismo e pela torcida sincera. Agradeço ao João Felipe, Marianna e ao Cadu, pelos choques de realidade, pelos debates travados e pela coragem perante à vida, exemplos de intelectuais e bebedores que gostaria de um dia ser. Agradeço ao Max pela força no momento anterior ao mestrado.

Agradeço ao Rafael e à Taís, meus companheiros de graduação que, mesmo percorrendo caminhos tão distintos, ainda são forças que me inspiram. Tento preservar a revolta e o amor daqueles dias no gramado do Bolchevicão.

Agradeço ao Irlan pela partilha das angústias acadêmicas, teóricas e práticas, pelas cervejas e um pouco mais que isso. Sou infinitamente grata à Julia Monnerat pelas aulas na graduação, em idos de 2010 e por algumas cervejas tempos depois. Pela vontade assustadora de estar perto de seus alunos, por inspirar esta e outras tantas pesquisas.

Aos Tradicionais, principalmente Imaculada e Carol, por me fazerem entender o sentido real da palavra lealdade. Pela leveza e alegria de sempre.

À Maria do Carmo, por ser um norte. Sem seu trabalho detalhado e cuidadoso essa pesquisa sequer existiria. Por dividir fontes, textos e a vontade de saber quem

foi Solano Trindade. Agradeço à Magali pela leitura atenta do projeto de mestrado. Sem sua gentileza isso não seria possível. A Larissa Viana, por me guiar nos inícios dessa pesquisa, pela generosidade e carinho com os alunos.

Agradeço à Sonia Mendonça que, além de orientadora, virou referência para a vida. Por ser professora com todas as letras, pela curiosidade perante ao novo, pela generosidade com os alunos. Por embarcar nessa jornada e, principalmente, por confiar nessa iniciante.

Agradeço muito aos comentários generosos do professor Muniz Ferreira na construção desse trabalho, assim como por sua disponibilidade.

Aos companheiros do Núcleo de Pesquisa sobre Estado e Poder no Brasil que, em menos de dois anos, me fizeram crescer muito e ter esperanças em laços dentro da academia. Especialmente Nathalia, Rodrigo, Melissa e Camila.

Agradeço às ruas que me formaram, de São João de Meriti ao Cachambi.

A CAPES financiou parcialmente esta pesquisa com uma bolsa de estudos.

“Liberdade

Não ficarei tão só no campo da arte,
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,
tudo farei por ti para exaltar-te,
serenamente, alheio à própria sorte.
Para que eu possa um dia contemplar-te
dominadora, em fêrvido transporte,
direi que és bela e pura em toda parte,
por maior risco em que essa audácia
importe.

Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,
que não exista força humana alguma
que esta paixão embriagadora dome.
E que eu por ti, se torturado for,
possa feliz, indiferente à dor,
morrer sorrindo a murmurar teu nome”

(Carlos Marighella)

Sumário

| | |
|--|------------|
| Introdução..... | 12 |
| Capítulo 1 - Raça e Classe: Entrelaçamentos..... | 21 |
| 1.1. Metodologias e Olhares para a Investigação..... | 22 |
| 1.2. Discussões teóricas sobre Raça e Classe..... | 28 |
| 1.3. Formas de enfrentamento da questão racial: a Frente Negra Brasileira e o Partido Comunista Brasileiro..... | 41 |
| Capítulo 2 – “Sorrir sabendo do que sorrio”: A Militância de Solano Trindade ... | 51 |
| 2.1. O Centro de Cultura Afro Brasileiro..... | 52 |
| 2.2. Solano Trindade e o Partido Comunista Brasileiro..... | 62 |
| 2.3.O Teatro Popular Brasileiro: valorização da cultura popular..... | 70 |
| 3. A Construção do Discurso Contra-hegemônico: A Escrita de Resistência..... | 78 |
| 3.1. História e Literatura: Discussões sobre Cultura..... | 79 |
| 3.2. Literatura Afro-Brasileira ou Literatura Negra?..... | 88 |
| 3.3. Solano Trindade: O Poeta do Povo..... | 97 |
| Conclusões..... | 106 |
| Anexo I – Lista de Fontes..... | 109 |
| Anexo II – Cronologia da vida de Solano Trindade..... | 111 |
| Bibliografia..... | 112 |

Introdução

Fecham minha boca
Mas deixam abertos meus olhos
Maltratam meu corpo
Minha consciência se purifica
Eu fujo das mãos
Do maldito senhor!
(TRINDADE, 2008:37)

Esta pesquisa se inicia ainda na graduação, por volta de 2012, quando comecei a me interessar pelas ligações entre História e Literatura. Na investigação para iniciar a monografia, descobri a figura de Solano Trindade. Já desejava discutir classe social e cultura negra naqueles tempos. Aos poucos, a força da luta e do inconformismo de Trindade foi se tornando meu objeto de admiração e pesquisa. Quase cinco anos depois, os olhares sobre a militância do poeta mudaram um tanto e as relações entre raça e classe se evidenciaram de tal forma, que se mostravam inseparáveis em sua obra e sua prática política.

O poeta Solano Trindade nasceu em 1908 e começou sua militância em Recife, sua cidade natal. Filho do sapateiro Manuel Abílio e da quitandeira Emerenciana, o pequeno Francisco via o Bumba-Meu-Boi e o Pastoril nas ruas da cidade nos dias de folga do pai. Em 1934, funda a Frente Negra Pernambucana, uma das filiais da Frente Negra Brasileira. Casa-se com Margarida, com quem teve quatro filhos: Raquel Trindade Souza, Godiva Solano Trindade da Rocha, Liberto Solano Trindade e Francisco Solano Trindade. Logo depois, o poeta inicia as atividades do Centro de Cultura Afro-brasileiro, onde seu objetivo principal foi desenvolver um teatro social, um curso de preparação profissional, o combate ao racismo e a realização de reuniões culturais, cívicas e recreativas. Antes de chegar ao Rio de Janeiro, passou por Belo Horizonte e Pelotas, no Rio Grande do Sul. Fez parte da Igreja Presbiteriana, sendo

diácono até pelo menos 1940.

A trajetória de Solano Trindade atravessa a história do movimento negro brasileiro. No ano de 1942 o autor se desloca para a cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro e começa a trabalhar no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 1944 publica o primeiro livro *Poemas d'Uma Vida Simples*. Em 1950, funda juntamente com Edson Carneiro e Maria Margarida, esposa do poeta, o Teatro Popular Brasileiro (TPB). Neste período Trindade se aproxima das ideias marxistas e se filia ao Partido Comunista Brasileiro. Sete anos depois, se muda para São Paulo, para a cidade de Embú das Artes. Lança dois livros antes de falecer, *Cantares ao Meu Povo* (1958) e *Seis Tempos de Poesia* (1961). Morre no Rio de Janeiro, em 1974.

É no momento pós-abolição que os movimentos negros começam a emergir de forma mais densa e consistente. A transição dos anos de escravidão era recente e as instituições republicanas ainda estavam em vias de se consolidar.

É importante entender quais foram as ideologias propagadas pela classe dominante na virada do século XIX para o século XX e, dessa maneira, situar em qual contexto as classes trabalhadoras iniciaram seu processo de organização. Só assim poderemos analisar de maneira mais ampla de que forma militância de Solano Trindade foi importante na construção de narrativas contra-hegemônicas.

Segundo Florestan Fernandes em *A Revolução Burguesa no Brasil*, as inovações trazidas pela República no sentido liberal, ou seja, no âmbito jurídico-político, avançaram para se adaptar às necessidades dessa nova forma da ordem social que se consolidava e à burguesia em desenvolvimento. O trabalho livre e assalariado, as trocas e as relações mercadológicas foram consequências dessa circunscrição. Ainda para o autor, “fora e acima disso, continuavam a imperar os modelos de comportamento, os ideais de vida e os hábitos de dominação patrimonialista, vigentes anteriormente na

sociedade estamental e de castas” (FERNANDES, 2008: 61).

Essa sociedade de classes em formação, principalmente na ruptura com o passado colonial e agrário, só se mostrava igualitária para os grupos dominantes e só quem estava autorizado a nela entrar eram aqueles que já detinham o poder e aqueles que encorajavam a concentração de renda. Para Florestan Fernandes,

Só esporadicamente, como e enquanto parte do núcleo ou da periferiadas grandes famílias “brancas”, encontravam o negro e o mulato algumas possibilidades de inclusão nessas transformações da estrutura social. Para eles, na quase totalidade, a sociedade de classe permaneceria não igualitária e fechada (FERNANDES, 2008: 62).

É neste cenário que a classe trabalhadora começa a se organizar. O movimento negro também lança as bases do que seriam suas principais pautas de reivindicações e mobilizações. Solano Trindade, em um primeiro momento, esteve ligado a organizações que entendiam que a solução para o racismo estaria na inclusão do negro à sociedade de classes. Seus integrantes não defendiam uma subversão de valores, mas sim o ingresso da população negra no sistema de ensino e na sociedade de classes. Veremos que, aos poucos, Trindade se aproxima de uma ideia de combate ao racismo aliada à luta contra a exploração capitalista, de maneira indissociada.

Segundo Flávio Gomes e Petrônio Domingues, o chamado “pós-abolição” no Brasil é um período de longa duração, “abrangendo desde a propaganda abolicionista (e operária, vertente pouco conhecida) (...) até os movimentos sociais de luta antirracista na época da redemocratização, cerca de uma centúria depois” (GOMES & DOMINGUES: 2011, 9) não podendo assim ser definido por datas fixas. Nos anos 1940, o debate racial brasileiro girava em torno da inserção educacional e cultural da população negra no capitalismo em desenvolvimento no Brasil da época e é nesse contexto que Solano Trindade inicia sua atuação dentro do movimento negro.

Além do final do regime escravocrata, as discussões sobre um novo regime político se intensificaram. A intelectualidade do país, apoiada nos princípios republicanos, tentava a todo momento se desvincular do Império, ao mesmo tempo em que forjava uma ideia de identidade nacional. Esse grupo também buscava legitimidade fora do país, mais especificamente na Europa. As teorias eugenistas formuladas naquele continente se mostravam como instrumentos viáveis de explicação e justificativa na disputa pelo poder no contexto brasileiro. Muitos pensadores aderiram ao discurso segundo o qual a grande presença da população negra seria responsável pelas mazelas no país. O conceito de embranquecimento e a ideia da superioridade branca foram formulados neste contexto e endossados por intelectuais como Silvio Romero, Oliveira Viana e Nina Rodrigues. Segundo eles, somente a miscigenação seria capaz de acabar com as “raças inferiores”.

O final da ordem escravocrata e o lento processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil demandou sobretudo, uma mudança de valores. Uma nova ideologia estava sendo construída: a de que o trabalho dignifica o homem. Nesse momento, ter um ofício – desde que não conotasse trabalho manual – passava a ter cunho positivo e “civilizatório”, cumprindo papel importante no controle do tempo da população pobre e negra, fazendo a separação rígida entre trabalho e lazer. Segundo Sidney Chalhoub:

Este primeiro movimento para transformar o agente social explorado em trabalhador assalariado tem como alvo, então, a “mente” ou o “espírito” dos homens livres em questão. Desejava-se, na verdade, que os homens livres internalizassem a noção de que o trabalho era um bem, o valor supremo do pacto social. (CHALHOUB, 2012: 49)

No processo de transição, iniciado antes da Lei Áurea, a classe trabalhadora lançou mão de muitos recursos para resistir às tentativas de contenção social perpetradas pelo Estado. Organização em sindicatos, partidos políticos, ligas de ajuda mútua e,

claro, greves. Segundo Michael Mitchell, quase cinquenta anos depois da abolição da escravidão, os negros ainda se viam em situação de miséria no Brasil do século XX:

Como se a imensa desorganização social e a perda da posição no contingente populacional não bastassem para negar aos afro-brasileiros seu direito ao poder, eles também se viram diante de novos mecanismos sociais que reforçaram sua exclusão da sociedade após a abolição. Os brasileiros negros passaram a ser considerados, na consciência da sociedade dominante, manchas vergonhosas no caráter nacional. Desse modo, o novo liberto enfrentou formas flagrantes de discriminação racial que visavam impedi-lo de assumir uma posição de igualdade na sociedade brasileira. (MITCHELL in: BUTLER, 2011: 186)

De 1937 a 1945, o Brasil viveu sob o Estado Novo varguista. Foi neste período que a população negra, para além dos instrumentos tradicionais de reivindicação dos trabalhadores, começa a se organizar através da luta política de maneira sistemática, na busca de direitos. É um período de grande agitação e discussão sobre a questão racial no país. Diversas organizações, associações, frentes e jornais negros foram fundados nesta mesma época.

Atingida por essa onda, a militância de Solano Trindade atravessou boa parte do século XX e perpassou a história dos movimentos sociais brasileiros. Dessa maneira, como começar a analisar as faces da sua luta política? Optamos por investigar com mais profundidade algumas organizações às quais o poeta foi ligado com mais intensidade, Procuramos entender também de que maneira o poeta se forjou como intelectual orgânico desses movimentos.

Buscaremos analisar importância das organizações em que Solano Trindade atuou ativamente como militante e de que maneira esses aparelhos debateram a questão racial no Brasil. De que modo o Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, aborda a questão racial; o Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB) fundado em Recife por

Solano Trindade em 1937 e transferido para o Rio de Janeiro em 1942; e o Teatro Popular Brasileiro (TPB), fundado em 1958 também por Trindade e Edson Carneiro, consolidando-se como um importante centro de cultura e de formação artística para a classe trabalhadora.

O objetivo desta pesquisa é compreender de que maneira os conceitos de “classe social” e “raça” se relacionaram na militância e na obra do poeta Solano Trindade, entre 1940 e 1960. Investigamos de que modo Solano Trindade se associou a aparelhos privados de hegemonia como o Partido Comunista Brasileiro e as diversas organizações do movimento negro, dentre elas o Centro de Cultura Afro-Brasileiro e o Teatro Popular Brasileiro.

A opção metodológica de observar a quais organismos da sociedade civil o poeta se vinculava é uma tentativa de analisar como os intelectuais, sobretudo da classe trabalhadora, atuam na sociedade civil e como constroem esses organismos, os chamados aparelhos privados de hegemonia. Entendendo que, no Brasil, raça e classe categorias são indissociáveis, partimos da metodologia do Estado ampliado formulada por Gramsci e desenvolvida por Sonia Mendonça para aprofundar a discussão esses aparelhos privados de hegemonias da classe trabalhadora e a construção de discursos contra-hegemônico.

O conceito de classe social, aqui, é pensado como uma relação social, assim como raça. Pretendemos partir de uma categoria de modo de produção mais abrangente, que analise modos de produzir a vida, aí incluídos costumes, ideologias, relações sociais como um todo. Se o modo de produção é o modo como produzimos e organizamos o cotidiano, no Brasil, o conceito de raça e, conseqüentemente, o de racismo, fazem parte desta categoria. Dessa maneira, raça estaria presente tanto na estrutura econômica, quanto no plano ideológico-cultural, como podemos observar no racismo. Discutimos

então de que maneira esses conceitos estão entrelaçados, para então analisarmos a militância e a poesia de Solano Trindade.

Alguns autores que se dedicaram à análise da obra e da vida do pernambucano. Para Maurício de Mello, é interessante perceber que a poética de Solano, desde seu primeiro livro, de 1944, está intimamente ligada às formas de expressão do candomblé e de cantigas populares. O poeta se mostra pioneiro em sua construção literária, fundindo elementos da militância mais panfletária às formas populares (geralmente ligados à espaços de ocupação e identidade negra, como os terreiros). Segundo o autor:

Ao analisar sua posição cultural, é interessante notar a autenticidade das manifestações que procura acentuar, apoiada na vida dinâmica e diversificada da cultura informal, aquela que emana da empírica sabedoria do povo, argumenta Solano Trindade. Sua insistência permitiu notar a força e as possibilidades de resistir da cultura popular diante da persuasão dos meios de comunicação. (MELLO, 2009:11)

Para Suely Maria Bispo dos Santos, que também investigou os caminhos da poesia de Solano Trindade, há a construção de um esquecimento em torno da figura do pernambucano. Tanto na produção nacional quanto internacional, Solano Trindade é um escritor que se destaca e tem presença marcante. Delimitando um espaço de alteridade na escrita brasileira, dialogando com poetas da América Central e Estados Unidos, como Nicolás Guillén e Langston Hughes. Segundo ela,

Ele é considerado o poeta da resistência negra por excelência (CAMARGO, 1987), por ser, entre os escritores negros, uma presença muito marcante, que se sobrepõe – sem desmerecer os demais expoentes do contexto – rompendo barreiras sociais, econômicas e mesmo culturais, o que faz com que a sua voz seja ouvida ainda em nossos dias. Talvez isso aconteça por ter sido ele um dos primeiros a imprimir na sua escrita, sistematicamente, essa marca da especificidade da condição de ser negro, abandonando a condição de vítima e assumindo a posição de sujeito e de compromisso com a questão (SANTOS, 2012:18-19)

A sessão inicial do primeiro capítulo se dedica à apresentar o conceito de Estado Ampliado em Gramsci e a metodologia desenvolvida por Sonia Mendonça, para avançarmos na discussão sobre organizações da sociedade civil. Além disso, tratamos dos aparelhos privados de hegemonia e o papel dos intelectuais nesta disputa. A categoria de intelectual orgânico é fundamental para isso, deste modo, esta parte ainda apresenta discussões acerca do conceito. Na segunda parte do primeiro capítulo fazemos um balanço teórico dos autores que tratam do tema “Raça e Classe” no Brasil como Otavio Ianni e Florestan Fernandes, além de algumas discussões surgidas mais recentemente sobre o tema, refletindo sobre os afastamentos e aproximações entre o marxismo e a questão racial.

A terceira sessão apresentou duas formas distintas de enfrentamento da questão racial no país: a perspectiva do Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922 e a da Frente Negra Brasileira, um dos primeiros movimentos de massa no combate ao racismo no país.

Já No segundo capítulo abordamos de forma mais aprofundada a trajetória de Solano Trindade e as organizações junto às quais o poeta militou e dirigiu. A primeira delas foi o Centro de Cultura Afro-Brasileiro, fundado em 1934, como uma ramificação da Frente Negra Pernambucana. A segunda parte tratará da aproximação de Solano Trindade com o Partido Comunista Brasileiro e a consequente radicalização de seu discurso, o que fez o poeta se afastar cada vez mais das lideranças “aclamadas” do movimento negro de seu tempo. A terceira parte do segundo capítulo trata da fundação e ampliação do Teatro Popular Brasileiro, sua metodologia e seus objetivos.

O terceiro e último capítulo desta dissertação abrange as discussões acerca dos conceitos de *Literatura Negra* e *Literatura Afro-Brasileira*. Partindo do princípio de que não há um eu-lírico propriamente negro, com uma escrita negra em

si, mas sim, um eu-lírico que utiliza sua experiência como base para a formulação de um discurso contra-hegemônico. No segundo item do capítulo discutimos de maneira mais aprofundada da obra de Solano Trindade, apresentando poesias que fundamentam sua obra, na tentativa de analisar tanto fatores externos, de contexto sócio-histórico, com a estrutura interna de sua poesia, unindo raça e classe.

1. Capítulo 1 - Raça e Classe: Entrelaçamentos

O presente capítulo busca discutir como os conceitos de raça e classe social podem ser analisados de maneira transversal no Brasil, fugindo assim de uma hierarquização entre determinações e recortes. As discussões sobre raça e classe ainda que estejam na ordem do dia de movimentos sociais, são ainda incipientes no campo historiográfico. Os debates gerados em torno da questão começam a ter espaço há muito pouco tempo e a investigação sobre como as duas categorias se relacionam no Brasil não pode estar apenas no âmbito da estratégia política.

A primeira sessão deste capítulo explicita de que maneira esta pesquisa foi construída em termos metodológicos. Logo depois, faremos um balanço bibliográfico, intercalando tanto autores brasileiros que pensaram a questão quanto autores estrangeiros. A terceira e última parte deste capítulo compara duas formas de militância e de enfrentamento da questão racial e seus discursos em torno disso, sendo eles o Partido Comunista Brasileiro e a Frente Negra Brasileira, duas entidades a que Solano Trindade esteve ligado.

1.1. Metodologia e Olhares para a Investigação

Os primeiros olhares sobre a pesquisa, começada há mais de três anos na graduação, já não são os mesmos de agora. Nos passos iniciais deste projeto, investigaríamos a poesia e a atuação política de Solano Trindade, em um constante diálogo entre os dois aspectos. O primeiro, buscava investigar como Trindade se formou como intelectual da classe trabalhadora, aliando os conceitos de raça e classe, tendo como fonte principal seus dois primeiros livros de poesia. No entanto, o rumo da pesquisa mudou. O objeto permaneceu o mesmo, os conceitos que norteariam o trabalho também. A mudança foi de ordem metodológica: de que maneira isso seria investigado? Quais seriam as ferramentas de trabalho para aliar raça e classe em uma militância tão vasta? Por onde começar? Qual o foco diante de uma atuação política tão gigantesca quanto a de Solano Trindade que foi, além de militante comunista e do movimento negro, cineasta, poeta, dramaturgo, pintor e agitador cultural?

Para analisar de que maneira o pernambucano se forjou como intelectual orgânico da classe trabalhadora e construiu um discurso contra-hegemônico é preciso primeiro falar dos conceitos propostos por Antonio Gramsci. Intelectual marxista e militante italiano, que desenvolveu a categoria de Estado Ampliado. Para ele, este Estado Ampliado seria marcado pela relação profunda entre a sociedade política (que chamou também de Estado Restrito) e a sociedade civil.

Diferentemente dos pensadores liberais, o Estado, em Gramsci, seria mais do que um conjunto de leis derivado de um contrato social, descontextualizado da história. A concepção marxista do Estado, diferentemente daquela liberal, traz um elemento decisivo para a análise: a noção de que o aparelho estatal também é histórico (MENDONÇA, 2014). Pensando de maneira mais ampla, o Estado seria a condensação de relações sociais.

Gramsci entendia que a luta de classes não se dava somente na dualidade burguesia estatal *versus* classe operária organizada. A categoria de Estado ampliado nos permite ver uma estreita articulação entre as entidades que organizam as vontades (coletivas ou individuais) e a sociedade civil (FONTES e MENDONÇA IN: CARDOSO; VAINFAS, 2012).

Esta segunda categoria, segundo o pensador italiano, tem uma ligação fundamental com os intelectuais:

Seria possível medir a “organicidade” dos diversos estratos intelectuais, sua conexão mais ou menos estreita com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para o alto). Por enquanto, podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. Essas funções são precisamente organizativas e conectivas. (GRAMSCI, 2011, v.2: 21-22)

O espaço da sociedade civil, tal qual formulado por Gramsci, e seus aparelhos privados de hegemonia, são o campo de batalha da luta de classes propriamente dita. Segundo ele, seria na esfera da superestrutura que a disputa entre hegemonias se dá, através desses organismos privados. A sociedade política (Estado Restrito) e a sociedade civil estão, dessa maneira, em constante diálogo e relação orgânica. Fica evidente que o Estado, pensado a partir desta perspectiva integral, compreende, além da força, disputas sobre o consenso do todo social que, a partir dos aparelhos privados, constroem discursos e práticas hegemônicas.

Dessa maneira, é imprescindível falar aqui da categoria de intelectual orgânico formulada pelo italiano. Segundo ele, os intelectuais orgânicos devem ter a capacidade

de organizar a sociedade e a cultura, em todo seu complexo de organismos, até mesmo o organismo estatal criando, assim, condições favoráveis à expansão da própria classe. O intelectual aqui deve ser pensado sobretudo como organizador da cultura e peça fundamental na organização das vontades coletivas. Para Gramsci, todos os homens podem ser filósofos ou intelectuais, entretanto, só alguns deles cumprem essa função social. Segundo ele, intelectual orgânico é aquele que se insere ativamente em um grupo específico,

Eu amplio muito a noção de intelectual e não me limito à noção corrente, que se refere aos grandes intelectuais. Este estudo também leva a certas determinações do conceito de Estado, que é usualmente entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo, para conformar a massa popular segundo o tipo de produção e a economia de um momento dado), e não como um equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre toda a sociedade nacional exercida através das organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc.), é especialmente na sociedade civil que operam os intelectuais. (GRAMSCI, 2001:224)

O Estado ampliado em Gramsci, tenta dar conta da complexidade da análise, relacionando base e superestrutura. Segundo Mendonça,

O conceito de Estado ampliado permite verificar a estreita correlação existente entre as formas de organização das vontades (singulares e, sobretudo, coletivas), a ação e a própria consciência (sociedade civil) – sempre enraizadas na vida socioeconômica – e as instituições específicas do Estado em sua acepção restrita (sociedade política). Gramsci supera o dualismo das análises que separavam e contrapunham a base à superestrutura, integrando sociedade política e sociedade civil numa só totalidade, em constante interação, no âmbito do que ele considerava as superestruturas. (MENDONÇA, 2014: 34)

Compreendendo o conceito de sociedade civil desenvolvido pelo pensador italiano justamente esse conjunto de organizações, elas seriam responsáveis pela elaboração das ideologias e dos processos culturais. É neste campo que, para ele, se dá, a luta de classes. Segundo Virgínia Fontes e Sonia Mendonça, no terceiro capítulo do livro *Novos Domínios da História*, intitulado História e teoria política:

Em Gramsci, a própria construção das vontades torna-se objeto preferencial da análise, uma vez que o conceito de aparelhos privados de hegemonia, forma preponderante na sociedade civil, permite coligar o processo pelo qual se elaboram as consciências, atingindo a organização do poder do Estado (sociedade política). (FONTES e MENDONÇA IN: CARDOSO; VAINFAS, 2012: 63)

Dessa maneira, a cultura se mostra como um conceito amplo, integrando a visão de mundo de cada classe e da disputa entre e intra classes. Por isso, a multiplicação dos aparelhos privados de hegemonia dos grupos subalternos se mostra fundamental para construir uma oposição aos aparelhos e entidades de parcelas da classe dominante, criando uma contra-hegemonia. Considerar as organizações em que Solano Trindade militou como aparelhos privados de hegemonia, assim, é chave para entender a construção de uma luta contra-hegemônica. Segundo Virgínia Fontes, no livro *Brasil e o Capital Imperialismo*, ainda que organizações ligadas à movimentos culturais pareçam estar descolados da totalidade, é necessário lembrar que:

Clubes, associações culturais ou recreativas tendem a considerar-se como desconectados do solo social no qual emergem e como distantes da organização política do conjunto da vida social. Certamente, os sindicatos – patronais ou de trabalhadores – sendo também formas associativas desse jaez enfatizam sua proximidade econômica e sua característica mais direta de defesa de interesses de tipo corporativo. (FONTES, 2010: 134)

Para Gramsci, o termo sociedade civil abarcaria um conjunto de organismos (ou aparelhos) privados responsáveis pela articulação do consenso. Os sentidos do termo sociedade civil se encontram em eterno diálogo com a sociedade política, o Estado restrito. Para Álvaro Bianchi, sociedade civil diz respeito à materialidade das disputas por hegemonia:

A luta de hegemonias não é apenas luta entre “concepções de mundo”, como, por exemplo, aparece no *Quaderno 10*, ela é também luta dos aparelhos que funcionam como suportes materiais dessas ideologias, organizando-as e difundindo-as. A lista de tais aparelhos hegemônicos é grande, mas conhecida: igrejas, escolas, associações privadas, sindicatos, partidos e imprensa são alguns deles. A função desses organismos é articular o consenso das grandes massas e sua adesão à orientação social impressa pelos grupos dominantes. Esse conjunto de organismos, entretanto, não é socialmente indiferenciado. Os cortes classistas e as lutas entre os diferentes grupos sociais atravessam os aparelhos hegemônicos e contrapõem uns a outro (BIANCHI: 2008. P. 179)

Usar a metodologia do Estado ampliado significa olhar para as organizações que constituem a sociedade civil e de que maneira elas se fazem representar no Estado restrito. Para compreendermos de maneira mais profunda como se constituem as organizações da sociedade civil, devemos partir de alguns questionamentos. As perguntas que norteiam a pesquisa e que explicitam o método serão feitas ao longo do texto são: quem são os dirigentes das organizações analisadas? Quem são os intelectuais que formam essas organizações? Quais são suas produções? Como divulgam? Quais são as suas redes? Como e onde se inserem no Estado restrito?

Aplicaremos este conceito aos grupos em que Solano Trindade atuava. Tanto aquelas organizações de militância partidária, como o PCB, quanto o Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB) e o Teatro Popular Brasileiro. Partindo destes pressupostos, o foco dessa pesquisa é olhar de que maneira Solano Trindade teceu sua militância e seu

discurso, associando os conceitos de raça e classe social. A opção metodológica de observar a que organismos da sociedade civil o poeta estava ligado é uma tentativa de analisar como os intelectuais, sobretudo da classe trabalhadora, atuam na sociedade civil e como constroem esses organismos, os chamados aparelhos privados de hegemonia.

Aqui é importante notar que por recorte da investigação, esta pesquisa se ocupará da discussão sobre aparelhos privados de hegemonia e a disputa na sociedade civil, não se aprofundando, desta maneira, nos tentáculos destas organizações privadas junto ao Estado restrito. Entendendo que o Estado ampliado seria a unidade entre sociedade civil e política e suas constantes batalhas, um aspecto é privilegiado em detrimento de outro. Faremos breves apontamentos do porque algumas dessas organizações não tinham tentáculos no seio do Estado restrito e porque outras, ainda que no nosso caso, como já mencionado, os aparelhos analisados serão o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB) e o Teatro Popular Brasileiro (TPB).

1.2. Discussões Teóricas Sobre Raça e Classe

Após explicitar o método de pesquisa que nos guiou, exploraremos o debate sobre classe social e raça mais aprofundadamente. Faz-se necessária uma breve discussão acerca do que entendemos como cultura, um conceito que está sempre ligado ao todo social. Para discutirmos raça e classe social é importante reter que a esfera cultural e a esfera econômica não são autônomas, mas sim interligadas. Segundo Virgínia Fontes, no livro *Brasil e o Capital Imperialismo*, ainda que organizações ligadas a movimentos culturais pareçam estar descolados da totalidade, é necessário lembrar que:

Clubes, associações culturais ou recreativas tendem a considerar-se como desconectados do solo social no qual emergem e como distantes da organização política do conjunto da vida social. Certamente, os sindicatos – patronais ou de trabalhadores – sendo também formas associativas desse jaez enfatizam sua proximidade econômica e sua característica mais direta de defesa de interesses de tipo corporativo. (FONTES, 2010: 134)

Para Gramsci, todos os homens podem ser filósofos ou intelectuais, entretanto, só alguns deles cumprem essa função social: A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, porém “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, das quais os intelectuais são, precisamente, os “funcionários”. (GRAMSCI, 2011: 20). Num cenário de disputa por hegemonia, intelectuais têm papel fundamental na luta de classes já que organizam as vontades coletivas a partir dos aparelhos privados, responsabilizando-se pela criação e reafirmação de um consenso.

Dessa maneira, é imprescindível pensar nas esferas da realidade interligadas entre si, sem uma separação estanque entre economia e cultura. Para Thompson, ainda que alguns marxistas tenham tentado refinar a dualidade base/superestrutura, ela seria dotada de um reducionismo inerente, definindo atividades e atributos humanos

dispondo-os em uma dualidade. Segundo o autor, o conceito de economia empregado em tal tipo de análise seria limitado, posto não ser possível dispor a cultura, as normas, os rituais e os costumes, de um lado e o mundo da produção, de outro. Ainda há, aqui, uma prioridade atribuída ao econômico no sentido estrito, confundido com o conceito também limitado de modo de produção. Produção e cultura são conceitos indissociáveis já que podemos pensar no modo de produção como modo de produzir a vida cotidiana, sendo assim inseparável de normas e culturas determinadas. As relações de produção, segundo ele, se expressam na luta de classes e é exatamente por isso que não há como reduzir o mundo da produção ao sentido estrito de economia.

Para Thompson, determinação poderia ter duas significações. Num primeiro momento: a noção de causa externa que controla uma segunda atividade ou a perspectiva, a partir das relações e experiência práticas, de determinação como sendo a fixação de pressões ou limites. Para os críticos do marxismo, este reduziria a superestrutura (lôcus da atividade cultural e ideológica) como mero reflexo da base, da estrutura econômica. Na tentativa de propôr saídas para este determinismo econômico, Williams propõe reconsiderar alguns aspectos sobre o termo superestrutura. Sua crítica vai no sentido de pensar a cultura como parte de uma totalidade:

O importante, no caso, não é apenas o elemento de redução; é a reprodução, de forma alterada, da separação entre “cultura” e vida social material, que tem sido a tendência dominante do pensamento cultural idealista. Assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por um longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear (WILLIAMS: 1979, 25).

Devemos reavaliar também as categorias de base – de modo que se distancie de uma perspectiva econômica engessada e seja vista como um processo – e superestrutura,

“em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-se de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente” (WILLIAMS: 1980 [2005], 47). Analisar períodos históricos a partir conceito de classe social é também observar de que maneira os seres humanos produziram e/ou forjaram seus modos de vida ao longo do tempo. A categoria de modo de produção, para além de sistemas econômicos, pode ser pensada a partir da cultura: de que maneira cada grupo social produz sua vida material? O conceito de classe desenvolvido por E. P. Thompson em seu texto *Folclore, Antropologia e História Social* se mostra importante para entendermos essa questão. Segundo ele, classe não é uma categoria estática, mas sim histórica e relacional no decorrer do tempo.

Para investigarmos de que forma os conceitos de raça e identidade estão intrinsecamente relacionados à classe social, é importante pensarmos nesta categoria para além de sua dimensão estritamente econômica. Segundo o autor, a dualidade base/superestrutura é inadequada e estaria dotada de um determinismo econômico. Para Thompson:

“Sem produção não há história”, insistiu R. S. Sharma oportunamente. Mas devemos dizer também: “sem cultura não há produção”. Dois erros arraigados na tradição marxista foram confundir o tão importante conceito de modo de produção (no qual as relações de produção e seus correspondentes conceitos, normas e formas de poder devem ser tomadas como um todo) com uma acepção estreita de “econômico” e o de, identicamente, confundir as instituições, a ideologia e a cultura fracionária de uma classe dominante com toda cultura e moralidade. (THOMPSON, 2001: 258-259)

Ainda segundo o autor inglês, essa analogia deve ser abandonada. Porque os conceitos de base e superestrutura são importantes para entender de que categoria de classe partimos, bem como para contribuir com a questão racial? Entendemos que a base econômica não determina uma superestrutura ideológica, uma não é consequência

mecânica da outra.

Pretendemos partir de uma categoria de modo de produção como modos de produzir a vida em geral, aí incluídos costumes, ideologias, relações sociais como um todo. Dessa maneira, olhar para a classe é sobretudo entender que a categoria não se relaciona, somente, com aspectos econômicos, mas sim configuram uma relação social, uma formulação que inclui modos específicos de viver, festejar, preconceitos arraigados e modos de se relacionar com sua comunidade. Esse conceito de classe foi formulado por Thompson:

Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe é uma formação tão “econômica” quanto “cultural”, é impossível favorecer um aspecto em detrimento do outro, atribuindo-se uma prioridade teórica (THOMPSON, 2001: 260)

Ainda para ele,

A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de relações sociais”, com a cultura e a expectativa a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural (THOMPSON, 2001: 277)

O modo de produção seria, então, o modo como as sociedades produzem e vivem, com seus costumes. Portanto, o conceito de classe derivado deste modo de produção deve levar em conta as ideologias em contexto histórico específico. Se o modo de produção é o modo como produzimos a vida, no Brasil, o conceito de raça e, conseqüentemente, o de racismo, fazem parte do nosso modo de produzir/existir, pois os modos de produção conservam e atualizam opressões. Desse modo, o racismo estaria

presente tanto na estrutura econômica, quanto nas redes ideológicas.

Se, por um lado, a tradição marxista relegou a um plano secundário a questão racial, muitas vezes mencionada como puro reflexo de relações econômicas, os chamados estudos de identidade se utilizam um conceito de classe puramente descritivo e descolado do todo social. Muitos críticos desse economicismo universalista e essencialista acabam produzindo uma análise a-histórica. Se não podemos constatar “pressões” ou determinações em dado contexto, tal como mencionado por Williams sejam elas de cunho econômico ou cultural estaremos esquecendo o fundamento da crítica: a historicidade. Exatamente por isso é necessário lembrar da importância do conceito de classe: um conceito histórico, não estático. Kenan Malik, explicita de forma bastante pedagógica o perigo desta perspectiva a-histórica:

Mas a menos que possamos caracterizar a especificidade fundamental – a “essência”, se quiserem – da sociedade capitalista, suas “leis de movimento” ou lógica sistêmica não podemos distingui-lo de outro tipo de sociedade. De que maneira então, devemos analisar raça nas modernas sociedades capitalistas? Se tratamos a raça como sendo apenas uma “identidade” separada de quaisquer determinantes sociais, então ela se torna não uma relação social historicamente específica, mas um aspecto eterno da sociedade humana da mesma maneira que acontece nas teorias biológicas reacionárias de raça, nas quais diferenças raciais constituem uma necessidade natural e permanente; (MALIK IN: WOOD, 1999: 125)

É necessário não apequenar o conceito de raça ou tratá-lo somente como identidade neste sentido, descolando-o da totalidade do capitalismo, historicizando a categoria. Por isso, é fundamental entendermos em qual conjunção socioeconômica, quais relações sociais específicas, como diz Malik, se apresentam no Brasil quando analisamos os conceitos de raça e classe. Além dos conflitos de classe, havia a tensão entre brancos e negros, mesmo que pertencessem ao mesmo grupo social. O vigésimo número da

revista *História & Luta de Classes*, intitulado Exploração e Opressões apresenta uma série de artigos que tentam conciliar as chamadas opressões com o conceito de classe. A apresentação da revista mostra que a proposta seria pensar as relações contraditórias e conflituosas, assim: Não se trata de uma adesão quase folclórica a cultura do “outro”, da “alteridade” ou “das identidades”, e menos ainda à ideia de um multiculturalismo apresentado de forma acrítica, tão caras à formação dos historiadores nos últimos anos, mas de entender quais os imperativos e impeditivos históricos que avançam e bloqueiam os nós dos interesses da classe trabalhadora nas diferenças que as formam. (CALIL [EDITORIAL], 2015: 6).

Por volta de 1950, os sociólogos brasileiros começaram a se debruçar mais diretamente sobre as questões de raça e classe social, emergindo, sobretudo, nas obras de Otavio Ianni e de Florestan Fernandes. Não é por coincidência que os dois sociólogos abordam a questão. O problema racial no Brasil foi alvo da atenção de organismos como a UNESCO (GREGÓRIO, 2008: 65), que financiaram estudos sobre a temática para incentivar a exposição do problema. Os debates sobre a questão no Brasil sempre evocam o tema da inserção da população negra na ordem competitiva no pós-abolição. Os estudos de Ianni e Fernandes representaram avanços na investigação sobre raça e classe.

Tanto Ianni como Fernandes explicitam o caráter ideológico do mito da “escravidão benévola” no Brasil. O termo “democracia racial” havia se transformado em mito e não Na constatação de uma ideologia dominante no país (GUIMARÃES, 2012). Florestan Fernandes, em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, analisa a entrada da população negra na ordem competitiva na cidade de São Paulo. Segundo ele, as inovações trazidas pela República no sentido liberal, ou seja, no sentido jurídico-político, avançaram para se adaptar às necessidades dessa nova ordem social que se

consolidava e à burguesia em desenvolvimento. O trabalho livre e assalariado, as trocas e as relações mercadológicas foram consequências dessa circunscrição. Ainda para o autor, “fora e acima disso, continuavam a imperar os modelos de comportamento, os ideais de vida e os hábitos de dominação patrimonialista, vigentes anteriormente na sociedade estamental e de castas” (FERNANDES, 2008: 61).

Antônio Sérgio Guimarães aponta como uma das contribuições de Florestan Fernandes a formação de uma identidade negra, reconstruindo historicamente sua trajetória no Brasil. No entanto, as teorias formuladas por Fernandes ao discutir a questão racial ainda tinham como norte a biologia e a psicologia visando explicar a diferença entre os grupos humanos. Mesmo que numa perspectiva sócio-histórica, Fernandes ainda teve como ferramentas para sua análise as mesmas utilizadas pela classe dominante da época, que ainda percebia como “patologia social” a dificuldade das populações antes escravizadas de integração na sociedade de classes brasileira, mais especificamente paulista, do início do século XX. Segundo Sidney Chalhoub,

O problema principal suscitado pela análise de Fernandes é esta noção de que negros e mulatos se encontravam num estado de “anomia” ou “patologia social” no período pós-abolição, estado este que se explicaria como uma herança direta do escravismo. A primeira objeção séria que se pode levantar neste contexto é a de que a visão que Fernandes passa do liberto – como desamparado para o trabalho livre, destituído de vida familiar etc. – é perigosamente próxima àquela veiculada pela classe dominante brasileira no momento crucial da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, como mostram debates parlamentares do período. (CHALHOUB, 2012:83)

Antonio Sérgio Guimarães, no prefácio de *A Integração do negro na sociedade de classes*, faz um balanço do legado de Florestan Fernandes, mais especificamente, do livro em questão. Para o autor, outras teses deste teórico para o debate racial no Brasil já estão superadas: o debate sobre a auto-exclusão do negro e do mulato do mercado de

trabalho e a tese de que os imigrantes europeus, proletários, não praticavam racismo para com os trabalhadores negros¹.

Já na obra de Octavio Ianni, *Raças e Classes no Brasil* é bastante clara a determinação econômica em detrimento da questão racial. Para ele, as tensões raciais existentes na América Latina são frutos do capitalismo em desenvolvimento. Assim como em Fernandes, o mito da democracia racial para Ianni é “a expressão ideológica em uma sociedade que não deixa nem pode deixar avançar a democracia” (IANNI, 1972: 244). O autor argumenta que as análises estritamente culturais e demográficas, como se fossem esferas autônomas, não dão conta do paradigma racial. Para Ianni,

Antes de ser um fenômeno étnico ou racial, demográfico ou cultural, a “questão racial” é uma expressão de tendências de acomodação, reajustamento ou expressão dos mercados de força de trabalho, em escala regional ou nacional. (IANNI, 1972: 228)

Presente também na obra de Florestan Fernandes, Ianni desenvolve o argumento segundo o qual o movimento abolicionista atuou numa redefinição do trabalho, deixando os antes escravizados agora “livres” para vender sua força de trabalho no mercado competitivo. Esse mercado, entretanto, também relegou os trabalhadores negros à periferia do capitalismo.

De uma geração diferente, outro sociólogo brasileiro explorou o debate sobre classe social e raça. Carlos Hasenbalg analisa primeiramente a diferença entre as teorias sobre estratificação social e a teoria de classes marxista. A classe como conceito descritivo e não explicativo é uma das principais diferenças entre as duas posições. Na teoria de classes, a ênfase principal é o modo e o sistema de produção, já na teoria da

¹Essa tese foi refutada também por Sidney Chalhoub, no livro citado acima, “Trabalho, lar e botequim”. Para saber mais, ver: **CHALHOUB, S.** *Trabalho, Lar e Botequim*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2012.

estratificação social o ponto central da discussão são a distribuição e modos de consumo do produto social. Segundo ele, a teoria da estratificação social,

Visto que as relações entre classes econômicas, inerentes a uma estrutura de exploração, são desprezadas desde o início, a desigualdade torna-se um problema de comparação entre unidades discretas ao longo de dimensões diferentes, embora relacionadas – riqueza operacionalizada como renda, ocupações escalonadas de acordo com o prestígio e a educação, raça, padrões residenciais e coisas semelhantes. Ao reduzir a classe a um conglomerado de variáveis individuais, a estrutura de classes pode aparecer como separada, até mesmo divorciada, de fenômenos de ideologia e ação coletiva. (HASENBALG, 1979: 91)

É importante entender a diferença entre ambas as análises para chegarmos na questão de raça e classe. Por não entender classe como conceito meramente descritivo e sim explicativo, que nunca pode ser desligado da categoria “luta de classes” e portanto inseparável do todo social. O *status* individual acontece dentro das cercas da desigualdade de distribuição. A mobilidade social, por isso, não se mostra suficiente para erradicar o racismo. Entretanto, segundo Hasenbalg, a teoria de classes marxista subestimou as questões de raça e racismo. Para ele, a questão racial é explicada quase exclusivamente pela posição econômica que a população negra ocupa como classe trabalhadora. Ou seja, o racismo seria apenas uma consequência da dominação de classes. O argumento de que a população negra ficou à margem da classe trabalhadora industrial é reforçado por Hasenbalg, de modo que esta parcela aglomerou-se cada vez mais em mercados de trabalho informais e instáveis, ocupando uma camada inferior na classe trabalhadora em formação no Brasil. Para o autor,

Preconceito e discriminação raciais são, nesta perspectiva, mecanismos manipuladores utilizados pelas classes dominantes capitalistas a fim de explorar as minorias raciais e dividir o proletariado. O racismo e o preconceito, como epifenômenos de relações econômicas, são inerentes e necessários à manutenção do

capitalismo. Há como resultado ganhos líquidos para os capitalistas e perdas para todos os trabalhadores. Essa redução do antagonismo racial a relações de classe explica a escassa adequação entre teoria e realidade em termos de falsa consciência dos trabalhadores (HASENBALG, 1979: 109)

Contra-pondo-se a essa perspectiva, a teoria colonial tende a fugir do reducionismo econômico, focando sua atenção nos ganhos cumulativo dos brancos. O conceito de privilégio racial demonstra que, além da exploração econômica, “o grupo dominante branco extrai uma certa ‘mais-valia’ psicológica, cultural e ideológica do colonizado” (HASENBALG, 1979: 111). A perspectiva colonial, entretanto, é limitada porque negligencia uma explicação estrutural entre dominação de classes e opressão racial. Segundo ele,

Os desenvolvimentos teóricos prosseguem sem se aproximarem de uma explicação integrada de ambos os processos. Este é o caso da teoria das classes que enfatiza as forças de classe descuidando do antagonismo racial, e também da teoria colonial que enfatiza o racismo enquanto negligencia a dinâmica de classe. (HASENBALG, 1979: 111)

Para autoras como Abigail B. Bakan há mais conexões do que diferenças entre os dois polos. No livro intitulado *Theorizin Anti-racism: Linkages in Marxism and Critical Race Theories*, Bakan argumenta que Marx é o pensador da diferença: não aquela pós-moderna, mas a diferença entendida como formas de relações sociais conflituosas e contraditórias existentes na sociedade capitalista. No texto, a autora discorre sobre três conceitos centrais na tradição marxista, sendo eles: exploração, alienação e opressão. O primeiro conceito é um dentre as muitas relações sociais conflituosas. No entanto, normalmente *exploração* é visto como o único relevante para o marxismo. Além disso, o conceito não pode ser visto de forma puramente econômica. Bakan reconhece que certa tradição marxista minimizou o peso do racismo e das

relações raciais, ficando vulnerável, assim, para as críticas que acusam de reducionismo econômico. Segundo ela,

This emphasis on production is readily applicable to the relations of some social formations, such as racialized slavery or settler states with colonial or apartheid institutions. But it tends to minimize the significant role of racism in advanced capitalist states, particularly in shaping elite hegemony in periods of formal democracy (BAKAN, A; DUA, E, 2014: 101)²

Ainda para Bakan, o peso da escravidão nos Estados Unidos para a origem do capitalismo não pode ser descolado do racismo. Podemos pensar essa centralidade da escravidão no processo de formação do capitalismo no Brasil. Dessa maneira, entender a ideologia dominante forjada em ideais de embranquecimento e contenção social da população marginalizada é fundamental para situarmos as disputas entre classes sociais no país.

KabengeleMunanga, no texto *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia* faz uma genealogia do conceito de raça. Inexistente biologicamente falando, o conceito de raça se justificaria a partir do racismo, de uma realidade, como construção sociológica e para fins reivindicatórios de movimentos negros. (MUNANGA 2000: 23). Segundo Guimarães, o conceito de raça não pode ser considerado biologicamente, porém socialmente. Isto é, não existem características“de raça” que possam diferenciar e, mais do que isso, hierarquizar grupos humanos. Para o autor, “a construção baseada em traços fisionômicos, defenótipo ou de genótipo, é algo que não temo menor respaldo científico” (GUIMARÃES, 2003:96). Apesar disso, raça

² Em tradução livre: Essa ênfase na produção é aplicável a relações de algumas formações sociais, as quais a escravidão baseada em raça ou estados coloniais com instituições de segregação. Mas isso tende a minimizar o significado profundo do racismo em estados capitalistas avançados, particularmente ao moldar a hegemonia de uma elite em períodos de democracia formal.

é um conceito sociológico, fruto de contexto sócio-histórico. Em outras palavras se, por um lado, não podemos diferenciar seres humanos através de argumentos biológicos, por outro, o racismo e a hierarquização racial entre grupos étnicos são reais e produzem opressões ao redor do mundo. Para Guimarães,

A biologia e a antropologia física criaram a ideia de raças humanas, ou seja, a ideia de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, tal como o mundo animal, e de que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, e dotes psíquicos e intelectuais entre os seres humanos. Para ser sincero, isso foi ciência por certo tempo e só depois virou pseudociência. Todos sabemos que o que chamamos de racismo não existiria sem essa ideia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades. (GUIMARÃES, 2003: 95-96)

Opondo-se a Marx, Guimarães entende que o pensador alemão teria subtraído de suas análises todas aquelas opressões não puramente econômicas (GUIMARÃES, 2002: 50). Para ele, o argumento político erroneamente derivado dessa análise em abstrato foi o de que as classes sociais capitalistas se constituiriam prescindindo de qualquer uma daquelas formas de sociabilidade, consideradas, a partir daí, como formas arcaicas, a serem superadas pelo próprio regime capitalista. (GUIMARÃES, 2002: 10). Entretanto, se por um lado não podemos nos apegar a determinações econômicas como último patamar de análise e muito menos supor que cultura e economia não se influenciam mutuamente, tampouco podemos esquecer que as opressões são relações sociais específicas de um momento histórico. No caso da presente pesquisa, é necessário remontar que não há como entender o capitalismo descolado do conceito de raça.

No próximo item compararemos duas formas de militância no Brasil em relação à questão racial da qual Solano Trindade esteve próximo. Primeiro, o Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, e a Frente Negra Brasileira, que inicia seus trabalhos em 1931. As duas formas de abordar a questão de raça e classe social de maneira tão

distinta tem o objetivo de explicitar os conflitos e as aproximações entre os dois polos discutidos aqui.

1.3. Formas de enfrentamento da questão racial: a Frente Negra Brasileira e o Partido Comunista Brasileiro

Nesta terceira parte do primeiro capítulo, investigamos de forma breve duas formas diferentes de enfrentamento da questão racial no país: o Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, e a Frente Negra Brasileira, iniciada em 1931. Abordaremos as duas organizações a partir do conceito de Estado Ampliado, analisando-os como aparelhos privados de hegemonia.

Gramsci, em seu ensaio sobre “Maquiavel”, compara o papel do “Príncipe” ou “Condotiero” com o dos partidos. Esta categoria de partido político é a expressão das classes sociais: os “condottieri” são os articuladores da vontade política coletiva. Compreendendo o conceito de sociedade civil desenvolvido pelo pensador italiano justamente esse conjunto de organizações, elas seriam responsáveis pela elaboração das ideologias e dos processos culturais. É neste campo que, para ele, se dá, em primeira instância, a luta de classes.

Os partidos são elementos que conseguem organizar as vontades coletivas e os que se saem melhor nesta tarefa são precisamente aqueles que têm, entre seus quadros, os intelectuais orgânicos de mais competência. Segundo Carlos Nelson Coutinho,

Gramsci considera intelectuais todos os que contribuem para educar, para organizar, ou seja, para criar ou consolidar relações de hegemonia; por isso, para ele são intelectuais (ou desempenham uma função intelectual) todos os membros de um partido político, de um sindicato, de uma organização social (COUTINHO, 2011:29-30)

A partir do princípio de que todos são intelectuais em potencial, essa perspectiva abre um horizonte de organização orgânica para as classes subalternas. Como já explicitado na primeira parte deste capítulo, nossa perspectiva metodológica ao abordar o PCB é tentar enxergá-lo como um desses aparelhos privados que, sempre em disputa,

sofreu pressões tanto externas quanto internas no debate sobre a questão racial. Para Gramsci,

Embora todo partido seja a expressão de um grupo social, e de um só grupo social, ocorre que, em determinadas condições, determinados partidos representam um só grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses de seu próprio grupo e os outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento do grupo representado ocorra com o consenso e com a ajuda de grupos aliados, se não mesmo dos grupos decididamente adversários (GRAMSCI, 2011: 59)

Partindo deste olhar, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) é um dos aparelhos privados de hegemonia presentes na sociedade civil brasileira desde o momento de sua fundação, em 1922. Nos aprofundaremos sobre as disputas travadas dentro desta organização em torno da questão racial por parte de seus intelectuais.

As aproximações e distanciamentos do Partido Comunista Brasileiro (PCB) com relação à questão racial no país são bastante complexas e têm ligações mais profundas que podemos deduzir sem uma leitura mais atenta. Um dos objetivos deste capítulo é apresentar um breve histórico do Partido Comunista Brasileiro e da Frente Negra Brasileira, juntamente com um panorama das abordagens da questão racial no mesmo período. O partido, ainda que tenha demorado a reconhecer a opressão de raça no país e que tenha, muitas vezes, negligenciado a questão perante à categoria de classe, não passou ao largo do problema.

Podemos pensar em dois momentos-chave da abordagem do PCB perante à questão racial, sendo eles: um primeiro, até 1934, e um segundo, posterior a esse ano, em que os intelectuais e dirigentes do partido começam a reconhecer a opressão racial como fundante do processo socioeconômico brasileiro. Segundo Aruã de Lima, em consonância com Petrônio Domingues, neste primeiro período os dirigentes do partido

viam a opressão de raça como uma consequência da exploração econômica e que, portanto, a solução viria através somente da luta de classes.

Quando questionado pelo Comintern, o partido não reconheceu a existência de uma questão negra no país (LIMA, 2008). As teorias eugenistas importadas da Europa não influenciariam somente setores da classe dominante. Diferentemente do que afirma Pedro Chadarevian Caldas, as teorias biologizantes, ainda que de forma diversa, atingiriam os chamados setores progressistas. Segundo ele, “De qualquer maneira estas teses da inferioridade biológica e cultural do negro não foram influentes no PCB, apesar de terem influenciado diretamente os partidos comunistas dos países centrais” (CALDAS, 2012: 257).

A partir de 1924, devido a pressões da sede do Partido Comunista Soviético, aos poucos, a sessão brasileira da Internacional Comunista começa a questionar seu posicionamento a respeito da suposta inexistência da opressão racial. Até pelo menos 1928, o partido não tocava no assunto perante Moscou e seus dirigentes não exerceriam influência suficiente junto aos comunistas brasileiros. Segundo Aruã de Lima,

As críticas gerais mais contundentes dos representantes da direção da IC ao PCB acusavam o partido de se abster, por desorganização e falta de trabalho, de dirigir o proletariado e o campesinato. Uma das consequências dessa avaliação geral era, precisamente, o abandono das populações negras do país à sua própria sorte. (LIMA, 2008:117)

As discussões travadas entre os soviéticos e os brasileiros se voltavam à negativa destes últimos em reconhecerem que, ainda que juridicamente iguais nesse primeiro momento da República, o tratamento dispensado a negros e brancos era discrepante. É importante notar que, mesmo entre a classe trabalhadora, o Estado brasileiro lidava com esses dois setores de maneira racista.

Sidney Chalhoub, em seu livro *Trabalho, Lar e Botequim*, desenvolve sua pesquisa baseada em processos criminais e mostra como, por exemplo, os depoimentos

de trabalhadores europeus que haviam imigrado e de trabalhadores negros tinham pesos diferentes no mesmo inquérito (CHALHOUB, 2012). Os comunistas russos entendiam que essa interpretação dos camaradas brasileiros era equivocada e que ela distanciava cada vez mais o partido das classes trabalhadoras. Além disso, segundo Lima,

As resoluções destacaram o distanciamento dos comunistas brasileiros com o movimento negro internacional e seus respectivos debates, além de desnudar a incapacidade organizativa dos comunistas brasileiros em construir pontes, vinculadas ao partido, com as camadas negras da população (LIMA, 2008: 137).

É importante notar, entretanto, que apesar da postura oficial do partido, o debate sobre a questão racial foi levantado muitas vezes pela imprensa comunista da época. Em agosto de 1927, por exemplo, o jornal *A Nação* aborda a luta dos escravizados no Brasil, dando destaque ao episódio envolvendo o assassinato de Zumbi dos Palmares em Alagoas. O texto argumenta que Palmares teria sido um capítulo da luta de classes no país.

Em 13 maio de 1939, a *Revista Seiva*, ligada ao PCB, fundada em 1938, publica um número dedicado à questão racial. Com textos de Aydano do Couto Ferraz, Raul Bopp e Luiz Vianna Filho, o número traz uma série de discussões sobre raça, artigos sobre a literatura de Lima Barreto e sobre “aspectos históricos e sociais d raça negra no Brasil”. Um dos textos, assinado por Aristeu Nogueira, membro do comitê central do PCB, argumenta que

O século XX não melhorou a situação do antigo escravo, trabalhador livre nas fazendas do nordeste bahiano, continua escravo. O salario maior que se registra é 2\$000 diarios. São obrigados a comprar na dispensa do patrão e pagam quinzena porque moram em casa do patrão. O salario é pago, quasi sempre, em mercadorias e não em dinheiro e, trabalham um dia na quinzena, como se fossem escravos para o Senhor, que hoje se chama Patrão. (NOGUEIRA, A. 1939:105)

Aos poucos a postura anterior do PCB começa a se modificar e o ano de 1934 se mostra especialmente marcante. É possível que, pelas preocupações com a sucessão de Lenin, assim como a progressiva stalinização do partido, a centralização de Moscou tenha voltado suas atenções para outros assuntos que não as tensões raciais na América Latina e no Brasil. Dessa maneira, a interpretação ortodoxa e economicista foi colocada de lado durante algum tempo.

Em 1934 e 1937, ocorrem o primeiro e o segundo Congresso Afro-brasileiros em Recife e em Salvador, respectivamente. O primeiro contou com a participação de Solano Trindade, tendo tido como objetivo claro a consolidação de um campo científico encabeçado por Gilberto Freyre e Arthur Ramos, em que os partidos políticos não transitavam livremente. Segundo Aruã de Lima, somente três militantes comunistas estiveram presentes no primeiro Congresso: Jorge Amado, Aydando do Couto Ferraz e Edison Carneiro.

É importante notar que Solano Trindade não é mencionado neste círculo de militantes comunistas. Neste período o poeta estava vinculado a uma das filiais da Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931, organização a que daremos atenção maior no capítulo dois. O poeta ainda não estava identificado neste momento com os ideais marxistas e sua militância estava voltada, sobretudo, para a pesquisa da cultura negra nordestina.

Segundo Pedro Caldas, houve uma tentativa de aproximação dos comunistas com integrantes da Frente Negra,

Em panfleto deste mesmo ano, os comunistas brasileiros dirigem-se especificamente aos trabalhadores negros e os conclamam a conquistar a direção da FNB, unindo-se aos brancos na luta contra o imperialismo e contra a feudal-burguesia que os mantinha como “escravos”. Deste documento, há três elementos que merecem destaque por revelar o esforço de atração de negros para o movimento comunista, adotando

bandeirastípicas do nacionalismo negro: a crítica do “13 de maio”, a refutação das teses do racismo científico e a menção aos valores específicos da cultura negra (como a religião afro-brasileira) (CALDAS, 2012: 264).

Aquele grupo de intelectuais comunistas baianos, onde se encontrava Edison Carneiro, acabou organizando o II Congresso Afro-brasileiro, ocorrido em 1937, em Salvador. Este segundo congresso contou com maior participação de militantes comunistas. Diferentemente do grupo pernambucano, Edison Carneiro entendia que a luta contra o racismo fazia parte de uma batalha mundial das classes trabalhadoras contra o capitalismo. Segundo ele,

Os negros conscientes, que se adaptaram, bem ou mal, à superestrutura da política da sociedade brasileira, sabem perfeitamente que seus interesses imediatos e futuros não são em nada diversos dos do proletariado em geral e desejam, além da instrução, da alimentação suficiente e do melhoramento das condições de trabalho, reconhecimento dos seus direitos – como de todas as raças oprimidas do país, – a colaboração, no mesmo pé de igualdade, com o branco na obra de reconstrução econômico-política do Brasil (CARNEIRO, 1988. Apud: LIMA, 2008: 202)

A partir de 1930, a postura do PCB começa a se distanciar daquela dos primeiros anos. Ainda para Lima, a interpretação dos comunistas diante da questão racial seria a de “ocupar os espaços públicos de discussão da temática e estabelecer a crítica à capacidade de integração do negro na sociedade burguesa” (LIMA, 2008: 203). Em 1946, a bancada comunista do PCB sai em defesa da liberdade religiosa e do povo de terreiro, com os deputados Jorge Amado e Carlos Marighella à frente.

O cenário global de ascensão de regimes totalitários na Itália e na Alemanha e as reações a isso, como a formação de Frentes Populares pelos setores progressistas, incluindo comunistas e liberais, fez com que a questão racial fosse, novamente, colocada em segundo plano. O PCB ficaria enfraquecido a partir do Estado Novo

varguista, assim como muitas organizações do movimento negro, incluindo a Frente Negra Brasileira. Em 1945, o Partido Comunista Brasileiro elege o único representante negro na Assembleia Nacional Constituinte, entrando na clandestinidade em 1947, no Governo Dutra. É neste contexto que o poeta Solano Trindade começa a se aproximar das ideias marxistas, voltando sua luta para a emancipação tanto da população negra, quanto do proletariado.

Aqueles foram tempos de extrema importância também para o movimento negro. Em 1931 nascia a Frente Negra Brasileira, a maior (em número de associados) e mais importante entidade negra do país. Com filiais em diversos estados, como Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e Bahia, a FNB tinha sua sede em São Paulo e sua área de atuação foi ampla. Uma das filiais da Frente estava localizada em Pernambuco. E foi neste momento, em Recife, que um jovem Solano Trindade começou a militar.

Nos anos 1930, o debate racial no Brasil girava em torno da inserção educacional e cultural da população negra na sociedade capitalista brasileira da época e é nesse contexto em que Solano inicia sua atuação dentro do movimento.

É interessante notar a particularidade desta organização em comparação com as demais filiais nordestinas. Enquanto em Salvador os conflitos travados giraram em torno da questão religiosa, a sucursal pernambucana defendia como estratégia principal contra o racismo a ascensão social através da educação.

Considerada como a organização sucessora do Centro Cívico Palmares, fundado em 1926, a Frente Negra Brasileira, além da militância organizada, promoveu grupos teatrais e musicais, manteve uma escola, ofereceu apoio jurídico e médico para seus associados (DOMINGUES, 2007, P. 106). Essas atividades eram anteriormente promovidas por diversas organizações, entretanto de maneira fragmentada, de modo que a Frente Negra cumpriu um papel fundamental: uniu os caminhos de luta.

Diferentemente das demais organizações do passado recente, a FNB lançou as bases para um movimento de grandes proporções de forma organizada, tendo “um efeito radical na psicologia de seus seguidores” (MITCHELL: 2011, p. 190). Pouco presentes em organizações do gênero as mulheres participaram da Frente Negra, contando com grande contingente dentro do movimento, desempenhando diversas funções. Abdias Nascimento, um dos mais importantes militantes do movimento negro no século XX e fundador do Teatro Experimental do Negro, filiado à Frente Negra, fala de sua experiência na organização:

Logo no início, quando entrei para a Frente Negra, o meu papel era apenas como militante quase anônimo; não tinha nenhum destaque, nenhuma relação direta com a estrutura do comando. (...) Mas foi nesse princípio de militância orgânica que pude começar a sentir e a entender o orgulho coletivo, porque esse orgulho individual, que também é muito necessário, eu já tinha, pois o meu pai e minha mãe me ensinaram muito bem.

Aquela militância na Frente Negra trouxe uma série de descobertas importantes, e também me permitiu ir construindo um novo tipo de consciência, uma visão mais ampla das problemáticas raciais. (NASCIMENTO; SEMÓG: 2006, 78)

Na concepção dos dirigentes da FNB, a luta deveria se dar no sentido de educar e inserir a população negra nas instituições dominantes, afim de “elevar o nível intelectual”. Vivendo em uma sociedade de classes, há aqui uma clara estratégia de inclusão, pois a população negra estava à margem, inclusive, do mercado de trabalho. Isso fica claro no terceiro artigo do estatuto da Frente Negra, publicado em *Diário Oficial* da União em 1931:

Artigo 3º - A Frente Negra Brasileira, como força social, visa à elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra. (LANNES, 2008: 124)

Neste momento, é significativo que o movimento negro, ao mesmo tempo em que invista em uma análise moral da cultura afro-brasileira, usando termos como “elevação intelectual”, se distancie de seus próprios símbolos, como o candomblé e a capoeira. Ou seja, é explícito que o maior expoente de movimento, a FNB tenha como método senão a rejeição, uma certa negligência para com as simbologias afro-brasileiras tradicionais:

(...) ao concentrarem seus esforços na luta pela eliminação dos obstáculos para a ascensão social, e não contra a estrutura social propriamente dita, demonstravam-se incapazes de mobilizar a massa negra. Paralelamente, o discurso conservador e moralizador afastavam-nos da maioria, aproximando essa elite negra dos interesses da classe média branca. (LANNES: 2008, 119-120)

Em 1936, a FNB se envolve na política eleitoral e tornando-se um partido político. Claramente próxima e influenciada por movimentos de cunho ultranacionalista como o integralismo, a Frente defendeu um programa político ultranacionalista e de viés autoritário. Tinha como *slogan* um lema parecido com o do movimento por Plínio Salgado. Se os integralistas evocavam “Deus, Pátria e Família”, o jornal ligado à Frente Negra, *A Voz da Raça*, reivindicava “Deus, Pátria, Raça e Família”:

A FNB mantinha, inclusive, uma milícia, estruturada nos moldes dos boinas verdes do fascismo italiano. A entidade chegou a ser recebida em audiência pelo Presidente da República da época, Getúlio Vargas, tendo algumas de suas reivindicações atendidas, como o fim da proibição de ingresso de negros na guarda civil em São Paulo. (DOMINGUES: 2007, 107)

Essas aproximações do movimento negro com ideias ultranacionalistas e conservadoras, entretanto, não invalidam a luta da Frente Negra. Esta teve grande contribuição no que diz respeito à solidariedade e o fortalecimento da identidade racial, de modo que não podemos descolar sua interpretação e atuação do contexto histórico em que a Frente se encontrava; não podemos separar essa aproximação com os

dirigentes da organização, que vinha de um hiato político durante os anos 1920. É mister reconhecer a contribuição na luta pela igualdade de direitos civis entre brancos e negros.

O projeto moralista e conservador desenvolvido pela FNB seria, segundo a autoria, uma estratégia na luta contra esses novos mecanismos discriminatórios adotados pelos grupos dominantes. A Frente Negra, em sua atuação, não se limita apenas a uma estratégia integracionista, fazendo uso unicamente de vias permitidas de acesso (...). (LANNES: 2008, 120)

Em 1937, com a instauração do Estado Novo varguista, a Frente Negra Brasileira, assim como outras organizações políticas, foi extinta. Sua liderança tentou manter o movimento vivo até pelo menos 1938 quando encerraram de vez suas atividades. A partir de então, o movimento negro – que com a Frente adquirira muitos adeptos – ficou esvaziado.

2. “Sorrir sabendo do que sorrio”: A militância de Solano Trindade

O presente capítulo pretende abordar de maneira mais direta a militância e a atuação política do poeta, ao passo que investiga de que maneira os aparelhos privados de hegemonia a que se associou o formaram como intelectual e poeta negro. O capítulo pretende também traçar um breve panorama das lutas raciais ao longo das décadas de 1940 a 1960, e onde Trindade se inseria, trazendo à tona suas redes de sociabilidade.

A primeira parte tratará do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, a segunda das aproximações do poeta com o Partido Comunista Brasileiro e na terceira e última parte, da criação do Teatro Popular Brasileiro, já na década de 1950.

2.1. O Centro de Cultura Afro-Brasileiro

Em 1934, o poeta havia fundado, como já falado, a Frente Negra Pernambucana, filial da FNB, depois de participar do I Congresso Afro-Brasileiro. Foram dois Congressos, o primeiro deles em Recife e o segundo em Salvador, no ano de 1937. Consolidaram um espaço de debate sobre a questão racial no país, abrindo caminho para a pesquisa científica sobre o tema. O primeiro Congresso Afro-Brasileiro foi liderado por Gilberto Freyre e Arthur Ramos, enquanto este foi coordenado por Edison Carneiro e Aydano do Couto Ferraz. Segundo Aruã de Lima, as disputas em ambos os congressos giraram em torno da obra de Nina Rodrigues, na tentativa de superar e construir outros modelos explicativos da questão racial que fugissem do determinismo biológico. Ainda segundo Lima,

Havia uma discordância central, principalmente entre Carneiro e outros estudiosos não comunistas, como Arthur Ramos e Gilberto Freyre. Enquanto os dois últimos viviam empenhados na consolidação de um campo científico, a agenda política de Carneiro superpunha-se aos desígnios acadêmicos daqueles. Havia uma pauta local assumida por Carneiro diante do Povo de Santo – relativo a candomblecistas e umbandistas – que encontrava ecos nas linhas globais de enfrentamento da questão negra por parte dos comunistas. (LIMA, 2015:200)

A participação de Solano Trindade no I Congresso Afro-Brasileiro, assim como a articulação nacional da Frente Negra foram determinantes para que o poeta se empenhasse na criação da filial pernambucana.

Francisco Solano Trindade começa a sua atuação política após romper com a Igreja Presbiteriana. Ali chegou a ser diácono, depois de se casar com Margarida Trindade, em 1935. Quando da vinda ao Rio de Janeiro, trabalhou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo sua filha mais velha, Raquel

Trindade, o poeta entendia que a Igreja pouco se preocupava com a questão racial e social no país³. Depois de romper com a Igreja, se muda para o Rio de Janeiro, em 1942 e logo se instala em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

O Centro de Cultura Afro-Brasileiro surge, inicialmente, de uma ramificação da Frente Negra Pernambucana e foi fundado por Solano Trindade, Vicente Lima e Miguel Barros (o Mulato). A transformação da Frente Negra Pernambucana em Centro de Cultura Afro-Brasileiro se deveu à truculência do governo Vargas paracom seus opositores. O CCAB se mostrava muito menos perigoso, pois, com o fim da Frente Negra Brasileira em 1937, o Centro não estava articulado em âmbito nacional. O vazio político de uma organização de grande adesão no movimento negro duraria até, pelo menos, o ano de 1944, com a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), sob liderança de Abdias Nascimento.

Propunham a pesquisa científica em relação à questão racial no país, além de promover comícios tomando posições pró-constituente em outubro de 1945, como atesta o jornal *A Tribuna Popular*⁴. É ali que Trindade começa a se afirmar como poeta e intelectual negro.

A importância de pessoas como Solano Trindade na construção de sua intelectualidade se mostra decisiva em sua atuação no Centro. O racismo, a diferenciação entre raças, a hierarquização de pessoas segundo a cor da pele, tudo isso fez parte do “processo civilizatório”, parte fundamental de como a burguesia brasileira se organizou e, conseqüentemente, como organizou seu Estado. A separação entre aqueles que exerciam o trabalho manual (ex-escravizados, agora assumindo funções diversas) e o trabalho intelectual é um dos aspectos fundamentais para entendermos as

³ Entrevista concedida à Maria do Carmo Gregório em julho de 2003 e gentilmente cedida para a investigação.

⁴

relações de produção no capitalismo e, mais decisivamente, o Estado capitalista.

Segundo Maria do Carmo Gregório,

Ser preto significou, eticamente para Solano, uma identificação com os negros e com os pobres que, no período, era vista como uma “inferioridade cultural” envolvida no “misticismo” e na “superstição”, o oposto da ciência, símbolo de modernidade e do progresso. Os traços da “inferioridade cultural do brasileiro” seriam marcantes na língua que o antigo escravo “estropeou”; e na religiosidade, devido ao sincretismo religioso, com a permanência de fortes traços do culto aos “orixás”. (GREGÓRIO, 2008: 10)

A partir de então, o poeta e seus companheiros começam a atuar mais incisivamente na seara da cultura. As pesquisas sobre o folclore brasileiro, as danças tradicionais, além da criação de espetáculos e a promoção de saraus, deram novas tonalidades à militância do poeta.

É curioso notar o contexto da prisão de Solano Trindade e as ligações da rede que o Centro abrigava. Essa disputa em torno da questão racial se mostra latente quando em um boletim de novembro de 1944, o investigador infiltrado informa à polícia política quais eram os nomes dos sócios do Centro e “os indivíduos proeminentes” que apoiavam a iniciativa. Entre os nomes dos associados constam Aladyr Custódio, estudante, Corsino de Brito, funcionário público, Leocádia Paradela, professora estadual, Sebastião Rodrigues Alves, escritor e o correspondente e fundador Vicente Lima. Os nomes proeminentes apontados no prontuário são três: Rafael Xavier, diretor do serviço nacional de recenseamento; Edgard Teixeira Leite, presidente da Sociedade Amigos de Alberto Torres e Arthur Ramos, antropólogo.

A Sociedade Amigos de Alberto Torres, de inclinação integralista, congregou figuras como Plínio Salgado, Roberto Marinho e Félix Pacheco, proprietário do *Jornal do Comércio*. Segundo o verbete nos arquivos do CPDOC – FGV, “a atividade básica da

sociedade era promover estudos — em geral na área socioeconômica — que eram divulgados através de conferências e publicações”. Teve como um de seus presidentes Rafael Xavier, acima citado. Os elementos integralistas foram progressivamente afastados do CCAB após decisão em assembleia⁵. O Centro de Cultura Afro-Brasileiro foi indiciado pelo DOPS⁶, a partir da denúncia de um infiltrado. A figura de Sebastião Rodrigues Alves, de orientação integralista, é bastante importante nesta denúncia. O boletim da polícia política mostra como a questão racial estava sendo disputada tanto por militantes de esquerda quanto pelos conservadores integralistas. Neste documento, do dia 16 de março de 1944, consta que:

No relato do investigador, Sebastião Rodrigues Alves se declarou abertamente integralista e que o Centro deveria seguir uma orientação integralista. Sendo ele não “plinista” e sim integral, na sua concepção em relação à forma de ensino e instrução das massas⁷.

Fica evidente, então, que a questão racial e o combate ao racismo não era integravam uma pauta exclusivamente da esquerda. As classes dominantes estavam, desde então, tentando cooptar aparelhos privados de hegemonia. É o exemplo da aproximação da Sociedade de Amigos Alberto Torres (SAAT). Segundo Rodrigo Luis dos Santos, em artigo sobre a Sociedade,

Podemos perceber que, em nível nacional, a Sociedade de Amigos Alberto Torres possuía uma qualificada e bem engendradarelacão com as autoridades governamentais, tanto de forma indireta, agindo por meio de contatos e investidas visando seus objetivos, como diretamente, através de cargos ocupados. Mas, havendo uma forte ação do núcleo central da organização junto às autoridades federais, é presumível que os núcleos estaduais e locais, previstos estatutariamente, também buscassem estabelecer ou

⁵ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Fundo Polícias Políticas do Rio de Janeiro. Pasta Geral 24, 1944.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

fortalecer vínculos com as autoridades estaduais e municipais, para garantir que as ideias e as ações da Sociedade de Amigos Alberto Torres se espalhassem e se consolidassem (SANTOS, 2013: 1473)

Os aparelhos privados de hegemonia da classe dominante estavam explicitamente disputando o debate, com militantes integralistas – que pregavam a integração do negro na sociedade de classes e a harmonia entre as raças – se aproximando de aparelhos de hegemonia como o Centro, de inclinação comunista. Enquanto isso o PCB, como veremos adiante, também estava discutindo a questão racial. Segundo Raquel Trindade, filha de Solano, “(...) naquele tempo o Abdias não era esquerda radical, ele tava começando na política junto com Sebastião Rodrigues Alves. Os dois faziam política mas não eram tão à esquerda, e papai era marxista”⁸. Foi preso duas vezes, a primeira por ligação com o Partido Comunista Brasileiro e a segunda, no governo Dutra. Neste contexto, o poeta publica seu primeiro livro, *Poemas D’uma Vida Simples*, em 1944. Todos os exemplares do livro foram tomados de Trindade pelo governo Dutra, quando da sua prisão devido à censura, em 1946. O único exemplar se encontra no arquivo da Biblioteca Nacional. Segundo o próprio Solano,

Quatro homens fortes foram me buscar. Eu estava armado com um pijama dando remédio ao Liberto que estava muito doente. Revistaram minha casa. Na minha estante de caixa de cebola, havia alguns livros. Nas paredes, alguns quadros de pintores amigos.

No quarto havia um pinico, pois tínhamos em casa quatro crianças. Mesmo assim fui preso incomunicável. Os investigadores que me levaram para a rua da Relação, diziam: este é de Caxias. Levaram comigo 39 exemplares de meu livro “Poemas D’uma Vida Simples”. Depois passaram-me para um cubículo, onde havia doze presos. Lá entre outros encontrei um alemão muito simpático, embora estivesse preso como espião da 5ª coluna, dois marinheiros, o estudante Jesus e Paulo Armando. (...) (TRINDADE, 1999: 124)

⁸ Entrevista concedida à Maria do Carmo Gregório em 2003 e cedida gentilmente para esta investigação.

Ainda que influência exercida por Abdias do Nascimento fosse forte, Trindade já se diferenciava das lideranças da época, como visto acima. O pernambucano discutia arte das classes subalternas e se aproximava cada vez mais de expressões religiosas e culturais de matriz afro-brasileira. É interessante notar como as análises sociais de Solano Trindade, através da sua poesia, contribuíram para ampliar o campo de visão do movimento negro e como o poeta propôs discussões que se mostram contemporâneas. A maioria da militância negra da época enfrentava extrema dificuldade em lidar com as manifestações culturais negras, como o candomblé e a capoeira.

Nesse momento as atenções estavam voltadas para a integração do negro à sociedade de classes, sua “elevação moral” através do estudo, afastando-se progressivamente de manifestações culturais populares. Segundo Sandra Godinho Magessi, em sua dissertação de mestrado sobre o movimento negro afro-caxiense,

A forma como seriam entendidos e como seriam vistos aqueles que ascenderam, só reforçaria a ideia de que se tratava de um grupo de negros e não-brancos privilegiados, saídos possivelmente de famílias com algum poder aquisitivo ou que teriam recebido apoio particular para conseguirem ascender. Isso, portanto, não corresponderia à realidade das grandes parcelas sociais dos não-brancos, em sua maioria pobres e desguarnecidos em todos os sentidos. Esse grupo de negros letrados constituiria uma minoria que falava outra língua, a dos livros, que não era a língua falada pelos negros operários, a do trabalho e da opressão. (GODINHO, 2006: 75)

Desse modo, Trindade se diferenciava das lideranças negras da década de 1940, utilizando o candomblé como forma de resistência cultural ao racismo e de afirmação de uma identidade negra. Isso fica claro em uma série de poemas que contêm expressões, histórias e ritmos das religiões afro-brasileiras. Segundo Maria do Carmo Gregório,

Solano Trindade assistiu à emergência de uma nova reflexão sobre as relações raciais brasileiras, ligada à criação do Teatro Experimental do

Negro (TEN), liderada por Abdias Nascimento. Nesse período, sua luta e reflexão já haviam se ampliado, recebendo uma conotação humana universal. As suas produções poéticas enfatizam a exploração de classe e as conexões entre a classe operária e a opressão racial, através da identidade negra. Em seus espaços de militância, Solano Trindade defendeu o direito à diversidade negra como parte da cultura brasileira. Foi dentro de uma cultura afro-brasileira que ele formulou a sua mensagem revolucionária (GREGÓRIO: 2005, 52).

Radicalizando o combate ao mito da democracia racial, Solano Trindade fez do Centro de Cultural Afro-Brasileiro um espaço de discussão sobre classe social e raça. Segundo Sandra Godinho Magessi,

No momento em que o movimento negro insufla novamente a sua luta e começa a produzir debates, todas essas discussões iriam ocupar as suas pautas essenciais. Um desses pontos teria sido alvo de debate travado, por exemplo, entre Abdias do Nascimento e Solano Trindade. O primeiro teria encaminhando o problema para o preconceito de cor e a discriminação social, enquanto que o segundo teria situado essas questões no campo da luta de classes. (GODINHO:2006,76)

Essas divergências entre lideranças negras da época vão se mostrando cada vez maiores. Ao mesmo tempo em que Trindade não conseguia e não queria se desvincular da tradição das religiões afro-brasileiras, se aproximava cada vez mais das ideias marxistas e via no fim da exploração capitalista a solução para acabar com o racismo e a opressão sobre a população negra no Brasil. Para ele, a solução para o combate ao racismo não residia na integração da população negra na ordem competitiva. Ainda segundo Gregório,

Solano Trindade, no aspecto político, rejeita essa alternativa e, com o Centro de Cultura Afro-brasileiro, trilhou o caminho que postulava a igualdade coletiva pelo nivelamento social. Sua luta era

internacional, atribuindo um potencial revolucionário para a América, onde seriam destruídas as diferenças sociais. (GREGÓRIO, 2005, 59)

Apesar das divergências, no entanto, o CCAB se associou em alguns momentos ao Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias, para a promoção do debate teórico sobre a questão racial no país⁹. Além disso, o TEN organizou o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, que lutava pela anistia de presos políticos, e contou com a assinatura de Solano Trindade. Em depoimento, entretanto, Julio Romão (ALBERTI; PEREIRA, 2007) afirma que um dos objetivos do Comitê era estimular o rompimento do Brasil com o Eixo Alemanha-Itália-Japão.

O Centro de Cultura Afro-Brasileiro se mostrou ativo na vida cotidiana da população, com a criação e apoio às escolas de alfabetização. Uma nota do jornal *Tribuna Popular* anunciava, em janeiro de 1946, a criação do curso de alfabetização “Escola do Povo”, liderado pelo Comitê Popular da Vila Guanabara, ligadas ao Comitê Democrático de Caxias e ao PCB. Segundo Gregório,

As intervenções sociais realizadas pelo Centro de Cultura Afro-brasileiro estavam ligadas às concepções sociais de Solano Trindade, que pretendia intervir na ordem social estabelecida e promover mudanças estruturais na sociedade do período. Esse foi o caminho que o poeta escolheu trilhar para a integração do negro à sociedade brasileira. O negro, na sua concepção, era potencialmente trabalhador e proletário. Era preciso implementar uma política que atendesse as reivindicações desse segmento social onde estava inserida a massa negra. (GREGÓRIO, 2008: 12)

Para Gramsci, não só a burguesia, mas toda classe precisa de intelectuais orgânicos dela originados para organizar vontades coletivas e lidar com a homogeneidade. O intelectual seria o organizador da cultura, responsável por sua transformação, agindo no terreno da sociedade civil. Essa organização da cultura se dá de forma “racional”, outras

⁹ TRIBUNA POPULAR, Rio de Janeiro Edição 00763, ano III, 25 de março de 1947, p. 4

vezes de maneira “espontânea”. Thompson propõe esta nova nomenclatura na tentativa de refinar os conceitos de “classe em si” e “classe para si”, entendendo que não são somente as ações “racionais” que detêm propostas de transformação social. Não é somente na seara da luta tradicional (sindicatos, partidos) que os trabalhadores agem. Por isso, Solano Trindade pode ser considerado um intelectual orgânico, um organizador da cultura popular.

A perspectiva marxista adotada por Solano Trindade nunca afastou sua militância no movimento negro. Os debates sobre a valorização da cultura negra e, mais adiante, as reflexões sobre uma América Latina livre do racismo e da exploração, estão estrategicamente inseridos em uma poética ritmada, gestual e forjada de maneira coletiva. Para o poeta, a mudança da situação do negro nas Américas estaria diretamente ligada a uma transformação na situação dos trabalhadores. Diante deste cenário, algumas perguntas se fazem pertinentes: porque Solano Trindade optou por uma forma de luta que procurava romper com a sociedade branca capitalista, enquanto outras lideranças estavam interessadas na integração do negro à ordem competitiva? Porque Trindade se vinculou à esquerda tradicional? Em uma das publicações do CCAB, podemos entender um pouco melhor de qual perspectiva partiam seus dirigentes:

Não faremos luta de raças, porém ensinaremos aos irmãos negros que não há raça superior, nem inferior, e o que o faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos a que ninguém de boa-fé poderá recusar cooperação. (TRINDADE, 2008:14)

Não há como desvincular a atuação do Centro com a luta de Trindade no PCB. O Centro de Cultura Afro-Brasileiro (CCAB) tendo sua continuação no Rio de Janeiro, colaborou com os comunistas cariocas. Em 1945, a *Tribuna Popular*, ligada ao partido, publicava mensagens de solidariedade à Luís Carlos Prestes em nome do Centro de Cultura. O poeta foi orador de diversos comícios organizados pelos comunistas, em

especial na Baixada Fluminense. Dessa maneira, sua luta se concentrava cada vez mais no combate à exploração e no entendimento de que os negros eram maioria entre os trabalhadores brasileiros. Ainda segundo Maria do Carmo Gregório,

As intervenções sociais realizadas pelo Centro de Cultura Afro-brasileiro estavam ligadas às concepções sociais de Solano Trindade, que pretendia intervir na ordem social estabelecida e promover mudanças estruturais na sociedade do período. Esse foi o caminho que o poeta escolheu trilhar para a integração do negro à sociedade brasileira. O negro, na sua concepção, era potencialmente trabalhador e proletário. Era preciso implementar uma política que atendesse as reivindicações desse segmento social onde estava inserida a massa negra. (GREGÓRIO, 2005: 55)

2.2.O poeta se aproxima do PCB

Solano Trindade, como vimos, em um primeiro momento esteve ligado a organizações que entendiam que a solução contra o racismo estaria na inclusão do negro à sociedade de classes. Seus integrantes não defendiam uma subversão de valores, mas sim a entrada da população negra no sistema de ensino. Veremos que, aos poucos, Trindade se aproxima a uma ideia de combate ao racismo aliada à luta contra a exploração capitalista, de maneira indissociada.

A aproximação do poeta e do Centro de Cultura Afro-Brasileiro com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) fica clara quando consultamos os jornais ligados ao partido naquela época. *A Tribuna Popular*, fundada em 1945 no Rio de Janeiro, fazia parte da rede de periódicos criada pelos comunistas desde que o partido havia voltado à legalidade. Aos poucos, o nome de Solano Trindade frequentemente aparece ao lado de intelectuais marxistas. Em uma edição de maio de 1945, o jornal publica uma mensagem de solidariedade a Luís Carlos Prestes assinada por Trindade.

Já em julho do mesmo ano, em matéria em que se exalta a criação de comitês populares por todo país, uma parte especial é dedicada ao chamado “Comitê Democrático Afro Brasileiro”, onde um ciclo de palestras foi iniciado.

Ainda na *Tribuna Popular*, encontramos indícios de ligações diretas de Solano Trindade com o PCB. Aproximando-se cada vez mais da militância e da organização comunista, o poeta participa da criação de um comitê do partido em Duque de Caxias, onde residia com sua família. Na edição de abril de 1946, o jornal publica uma nota em que o partido homenageia alguns dos seus intelectuais filiados e Solano Trindade consta como sendo um deles. Na edição de número 293, isso fica ainda mais explícito. Em um comício promovido pela organização, Prestes visitaria Duque de Caxias. Trindade estava incumbido de ser seu anfitrião:

O programa da festa do povo de Caxias a Luís Carlos Prestes:
(...) ao meio dia haverá uma grande feijoada para o povo, em homenagem a Prestes, na residência do poeta Solano Trindade. À rua Itacolomi, 956¹⁰.

A ligação de Trindade com o PCB está dada pelo menos desde 1943, segundo Raquel Trindade¹¹, mas seu registro como filiado do partido consta de 1946. Em maio daquele ano, Solano é dado em prontuário como orador em um comício em Caxias. Dessa aproximação com o partido surgiu a criação de uma célula do mesmo, sediada na casa do poeta, nomeada Tiradentes. Ainda segundo Raquel Trindade, “(...) Tinha a célula Tiradentes lá em casa, onde se reuniam os comunistas, os camponeses e as mulheres comunistas.”¹²

Além de sua militância tradicional, em organizações formais, Solano Trindade ampliou sua atuação política através da criação artística. Ao se sentirem marginalizados no processo de produção literária no Brasil, os escritores negros criaram um contra discurso, construíram novos círculos artísticos e literários. Solano Trindade se destaca quando sua militância ultrapassa os limites da poesia, lutando pela expansão da publicação de escritores negros e incentivando uma escrita negra crítica com a promoção de saraus. Essa “escrita negra”, como veremos a seguir, foi fruto de inúmeros debates importantes para sua definição e constituição como discurso contra-hegemônico. Essa consolidação de um discurso de afirmação identitária também passa por uma poesia que tinha igualmente, também como principal, a temática social. Em depoimento de julho de 1961, o poeta deixa claro o tipo de público que gostaria de atingir com sua obra:

Agradam-me profundamente os títulos de “poeta negro”,
“poeta do povo”, “poeta popular”, às vezes ditos de modo

¹⁰TRIBUNA POPULAR, Rio de Janeiro Edição 293, ano II 7 de maio de 1946, página 5.

¹¹ Entrevista concedida à Maria do Carmo Gregório em julho de 2003.

¹² Ibidem.

depreciativo, mas que me dão uma consciência exata do meu papel de poeta na defesa das tradições culturais do meu povo, na luta por um mundo melhor. Unir o Universal ao Regional, num poema participante ou amoroso, num verso de protesto ou ternura, mas em palavras bem compreensíveis.

– Quem me ouvir, ouça. (TRINDADE, 1961 IN:TRINDADE, 2008)

Chamamos atenção, sobretudo, para o papel que desempenha a reivindicação do candomblé como visão e filosofia de mundo que questiona o *status quo*, como Trindade afirma uma identidade negra e de luta. Este autor, junto de muitos outros, faz parte de um círculo literário alternativo à literatura brasileira canônica. Solano Trindade é autor de literatura negra, que contesta diretamente os valores da cultura dominante, produzindo o que chamamos de contra literatura. Aqui, a preocupação principal é reconstruir a experiência das pessoas comuns. Solano Trindade tem sua atenção voltada àqueles que são esquecidos, aos que, historicamente, a voz foi negada. Segundo Gregório,

A identidade marxista de Solano Trindade o fez rejeitar os projetos de mobilidade social, cujo pressuposto era que a integração do negro na sociedade brasileira dependia de políticas que fomentassem o aumento de oportunidades de ascensão social. (...) Solano Trindade, no aspecto político, rejeita essa alternativa e, com o Centro de Cultura Afro-brasileiro, trilhou o caminho que postulava a igualdade coletiva pelo nivelamento social. Sua luta era internacional, atribuindo um potencial revolucionário para a América, onde seriam destruídas as diferenças sociais (GREGÓRIO: 2008, 60).

Em seus poemas, tanto expressões como construções literárias baseadas em pontos de candomblé e umbanda sempre estiveram presentes. Trindade foi pioneiro ao introduzir temas, ritmos e expressões de religiões de matriz africana na poesia, valorizando a negritude e reivindicando origens africanas. Colocou no centro das

atenções uma simbologia que, embora fosse velha conhecida dos descendentes de escravos, era nova dentro da poesia e dos círculos literários.

Segundo Kim Butler, enquanto o movimento negro no Sudeste tinha como principais pautas a escolarização e a integração na sociedade de classes da época, no Nordeste, principalmente na Bahia e Pernambuco, as reivindicações se davam muito mais no sentido da legitimação da cultura negra brasileira como parte da militância. Segundo Gregório, o movimento negro em Recife, “(...) além de pressupor a integração do negro à sociedade brasileira, reivindicava o direito a uma identidade cultural, a partir dos valores classificada como afro-brasileira” (GREGÓRIO: 2005, 21).

A fala de Newton Menezes, que conheceu Solano Trindade nos anos de juventude comilitante do PCB, nos dá a dimensão do quanto poeta se diferenciava de um dos principais nomes do movimento negro brasileiro, Abdias Nascimento. Menezes relembra as discussões e debates travados no Bar Vermelhinho, na rua da Imprensa, no Rio de Janeiro:

Então ali, entre cerveja, tira gosto, água e cafezinho os debates saíam e Solano, num desses debates com Abdias, num determinado momento onde não adiantavam mais os argumentos, sempre divergentes, então Solano se retira meio chateado, mas não sem antes, de maneira contundente, arrebatado: Abdias você é negro senhor, só quer mudar o polo de dominação, eu quero acabar com ela.¹³

A escolha pelo marxismo fez com que Trindade internacionalizasse sua luta. O poeta escolhe com cuidado quem está a seu lado e rejeita um combate ao racismo que vingue nas bases de um capitalismo cruel. Seu entendimento de que esse sistema econômico seria incapaz de superar injustiças fez com que o poeta optasse por uma militância que ousasse propor uma nova ordem social e econômica onde, para ele, não

¹³O relato de Newton Menezes se encontra no documentário sobre Trindade chamado “Vento Forte do Levante” (2009).

haveria espaço para o racismo. O poema “Negros” está mergulhado em uma narrativa melancólica em meio à tomada de posição do poeta, deixando claro de que conceito de raça Trindade partia:

Negros

Negros que escravizam
E vendem negros na África
Não são meus irmãos

Negros senhores na América
A serviço do capital
Não são meus irmãos

Negros opressores
Em qualquer parte do mundo
Não são meus irmãos

Só os negros oprimidos
Escravizados
Em luta por liberdade
São meus irmãos

Para estes tenho um poema
Grande como o Nilo
(TRINDADE, 2008 :41)

É interessante notar o tom ríspido que inicia e se mantém ao longo do poema, com a repetição da frase “não são meus irmãos”. A frase, aliada ao ritmo do poema, figura como uma espécie de rompimento de laços, um estancamento de relações. O discurso diretamente militante e quase didático de Trindade a todo momento convoca para a luta os negros e negras oprimidos.

O conceito de classe social, para além de suas definições econômicas, é uma categoria diretamente ligada ao modo de produzir a vida dos grupos sociais em todo o mundo. No caso brasileiro, o modo de produção capitalista, tendo como antecedente séculos de escravidão, tem uma relação singular com o racismo. Desta maneira, não há como dissociar o conceito de classe social do conceito de raça no Brasil. O viés economicista limita a concepção de classe, excluindo de suas formulações a cultura e a política de cada parcela analisada.

A luta de Solano Trindade não poderia ser entendida sem que o levantamento sobre os conceitos de classe no Brasil fosse feito. Trindade, diferentemente das lideranças negras da época, que viam como solução para o racismo a inclusão do negro na sociedade de classes, entendia que não há como falar em racismo sem historicizar de que maneira essa opressão foi construída dentro do contexto brasileiro. Além dos resquícios da escravidão, o Estado brasileiro defendeu práticas abertamente higienistas que, como método de controle social das populações que se proletarizavam, conseguiram conservar a posição social das populações negras. Segundo Maria do Carmo Gregório,

Solano tornou-se um cidadão fragmentado, passou a ser um mestiço intensamente negro. Dividido entre dois mundos. Não era um igual entre a sua classe social. Financeiramente, tudo indica que não ousou grandes vôos, porém, seu capital cultural era compatível com a classe média por onde circulava. Morava no subúrbio do Recife. Cotidianamente, era com a classe pobre que partilhava sua habitação. “Era um intermediário cultural”. Ele se posicionava na encruzilhada entre duas culturas: a erudita e a popular e tornava a fronteira entre ambas mais flexível.

Em 1940, Solano Trindade irá acumular três identidades marginalizadas: ele era “preto”, “pobre” e “comunista”. (GREGÓRIO, 2008: 11)

Trindade não abandona em nenhum momento a afirmação de suas identidades e o esforço de resgatar tradições negras brasileiras. No entanto, a afirmação da classe à qual pertencia não pode ser entendida apenas como identidade, como afirma Gregório. Como já discutido no primeiro capítulo deste trabalho, o conceito de classe como mero aparato descritivo esvazia o sentido histórico da categoria.

É necessário partir de um conceito que não apresente classe social somente quantitativamente. Segundo Kenan Malik, em artigo intitulado *O Espelho da Raça* já citado no primeiro capítulo, não há conflito nenhum em reivindicar diversas identidades. Para ele, há um problema quando eixos de opressão são encarados somente como “identidade cultural” ou escolhas pessoais, como se as fronteiras estabelecidas fossem fruto de uma afirmação e não da luta de classes e de opressões historicamente construídas, de *relações sociais* anteriores. Ainda para ele,

Na verdade, para começar, já há um problema quando se concebe raça ou classe como uma “identidade”. Reações sociais, tais como opressão racial, não se transformam absolutamente em relações sociais, mas em atributos pessoais ou mesmo em opções ou estilo de vida. Quando raça é considerada equivalente a “estilos musicais” ou a “códigos de vestuário”, aparentemente o “social” não significa nada mais que uma decisão particular que qualquer indivíduo pode tomar, e a “sociedade” é reduzida ao agregado de identidades individuais (MALIK IN: WOOD, 1999: 127)

A atuação de Solano Trindade no movimento negro de sua época, entre 1940 e 1960, tem como consequência a construção de uma luta que se baseia na concepção de raça como uma categoria sócio-histórica. Tão disputada pelas teorias eugenistas, pelos antropólogos e médicos para Justificar a desigualdade, a militância de Solano Trindade aponta para uma concepção de raça que situe historicamente brancos e negros no

capitalismo brasileiro, resgatando a identidade e as tradições que resistiram à escravidão.

A poesia de Trindade e sua ação dentro do Partido, portanto, explicitam um modo de pensar que se afastava de uma simples afirmação de identidade. Entender a poesia de Solano Trindade é compreender que seus escritos integravam a militância e a luta por um mundo mais justo. Sua atuação, se dando não só a partir de espaços formais, suscita questões sobre como o resgate cultural de tradições negras é um dos combates a serem travados dentro da luta de classes.

2.3. O Teatro Popular Brasileiro

Em 1948 o poeta já havia tentado montar um grupo de teatro com Haroldo Costa, denominado “Brasiliana”. Segundo o jornal *A Folha da Manhã* de setembro de 1958, Solano “afastou-se por divergir da orientação comercial que se pretendia imprimir ao grupo”¹⁴, de modo que sua atenção já estava voltada para a pesquisa folclórica. A partir da década de 1950, Trindade junta-se a Edson Carneiro e, com sua esposa, Margarida Trindade, funda o Teatro Popular Brasileiro.

Margarida Trindade era casada com o poeta desde 1935. Depois da ida para o Rio de Janeiro, estudou Terapia Ocupacional no Hospital Psiquiátrico Pedro II, com Nise da Silveira. Participava das reuniões do PCB, na célula Tiradentes, em sua residência em Caxias. Foi responsável pelas coreografias e pela direção de espetáculos do TPB.

É necessário destacar o papel de Edison Carneiro na formulação do teatro social. Carneiro foi importante estudioso da cultura negra no Brasil, pensador e militante do Partido Comunista Brasileiro. Como já explicitado anteriormente, participou dos Congressos Afro-Brasileiros, coordenando o segundo, em Salvador, juntamente com Aydano do Couto Ferraz, também militante do PCB. Segundo Aruã de Lima,

Edison Carneiro se esforçou para garantir que a luta negra contra o racismo fizesse parte da luta global do proletariado contra o capitalismo. Por isso ele acrescentou que o caso brasileiro (e global) foi afetado pelo que chamou de “crescente desorganização do capitalismo” e pelos imperialismos que se digladiavam pelo mercado local (LIMA, 2015: 202)

As ideias sobre a questão racial e o debate travado por Carneiro estavam em consonância com os pensamentos de Solano Trindade. O Teatro consolidou-se como

¹⁴ FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, ano XXXIV, no. 10.552, 18 de setembro de 1958.

um importante centro de cultura e de formação artística para a classe trabalhadora. Já em idos de 1937, ano de fundação do Centro de Cultura Brasileiro, Trindade e Vicente Lima falavam da criação de um teatro social, onde seria combatido o complexo de inferioridade da população negra no Brasil. Segundo Gregório,

A participação de Edison Carneiro na fundação do Teatro Popular Brasileiro pode ser entendida como um desdobramento de sua atuação na Comissão Nacional do Folclore que possuía como programa: a pesquisa para levantamento de material permitindo estudo do folclore brasileiro; favorecer a sua proteção, evitando a regressão e o aproveitamento do folclore na educação formal. (GREGÓRIO, 2005: 97)

O Teatro Popular Brasileiro nasce também sob a influência do Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias Nascimento. Teatro de referência, o TEN surge, sobretudo, de uma necessidade de mudanças na imagem do negro no Brasil. Segundo Guerreiro Ramos (LANNES, 2008), o Teatro Experimental do Negro se destaca por contar com uma maior base teórica em relação aos movimentos surgidos anteriormente (como agremiações recreativas e associações de ajuda mútua, por exemplo). Este se diferencia, principalmente, pela recusa do estudo da cultura negra como algo estático e exótico. Essa valorização da negritude vai ser um dos argumentos estruturais para a criação de uma dramaturgia que tivesse como protagonista a população negra e sua história, suas demandas e problemas.

Depois de relativa capilarização das teorias raciais no Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, o TEN surge como uma alternativa estética ao ideal de branqueamento na sociedade brasileira. Diretamente ligado ao TEN, estava o jornal *O Quilombo*, também dirigido por Abdias e que cumpria papel importante na chamada imprensa negra. A mudança de postura dos dirigentes que estiveram presentes na FNB e que agora militavam no Teatro Experimental do Negro pode ser percebida pelo jornal que representava cada entidade: enquanto a primeira organização tinha o nacionalista A

Voz da Raça, o segundo tinha ligação direta com *O Quilombo*. Segundo a tese de Laiana Lannes, é bastante evidente a mudança de postura:

Enquanto a FNB exaltava a importância do trabalho escravo para o desenvolvimento nacional, o TEN focava seu discurso sobre o período escravista na resistência dos negros ao trabalho forçado, o que pode ser também percebido pela escolha do título do próprio jornal. O Quilombo se refere claramente a uma postura de luta, de reação a uma situação imposta por outros. (LANNES: 2008, 145)

A influência exercida pelo TEN sobre Solano Trindade fez com que o poeta aperfeiçoasse experiências e debates na criação de um teatro social. Entretanto, apesar da influência exercida por Abdias do Nascimento,

Solano Trindade assistiu à emergência de uma nova reflexão sobre as relações raciais brasileiras, ligada à criação do Teatro Experimental do Negro (TEN), liderada por Abdias Nascimento. Nesse período, sua luta e reflexão já haviam se ampliado, recebendo uma conotação humana universal. As suas produções poéticas enfatizam a exploração de classe e as conexões entre a classe operária e a opressão racial, através da identidade negra. Em seus espaços de militância, Solano Trindade defendeu o direito à diversidade negra como parte da cultura brasileira. Foi dentro de uma cultura afro-brasileira que ele formulou a sua mensagem revolucionária (GREGÓRIO: 2005, 52).

A ideia que guiava Solano Trindade desde a década de 1930 que visava a fundação de um teatro social, se concretizou somente em 1950. Inicialmente, a criação do Teatro tinha como objetivo a pesquisa sobre o folclore e a cultura negra no Brasil. Em entrevista concedida à Ivam de Barros Bella, o poeta já se posicionava contra a ideia do folclore como “exotismo”. Segundo Trindade “Não há crítica. Não há técnicos. Folclore não é considerado arte”¹⁵.

O lema do Teatro Popular Brasileiro era “pesquisar o povo e devolver ao próprio povo”: pesquisava e coletava informações sobre o folclore brasileiro e assim,

¹⁵FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano XXXVI, n. 11302, 19 de fevereiro de 1961.

transformava a pesquisa em espetáculo. Os protagonistas das narrativas de Trindade são motoristas de ônibus, plantadores, maquinistas, além de também ser o trovador das histórias dos orixás. Os espetáculos promovidos pelo Teatro eram fundamentados em cocos, lundus, maracatus, batuques e jongs. O curso sobre danças folclóricas brasileiras, organizado por Trindade no Museu de Arte de São Paulo, ilustra bem a pesquisa feita pelo TPB para conhecer os ritmos e danças tradicionais brasileiros. Os módulos estão divididos em a) o samba e suas variantes; b) escola de samba; c) capoeira; d) coco; e) jongo; f) candomblé; g) frevo; h) pastoril; i) bumba-meu-boi.

Os espetáculos criados a partir desta pesquisa do poeta, no entanto, eram reproduções dos espaços tradicionalmente negros. Trindade explica um de seus espetáculos, que reproduziam de forma artística o candomblé:

(...) eu não apresento o candomblé, por exemplo, como ele é visto nos terreiros afro-brasileiros. O que me interessa é o tema. (...) geralmente, quando se fala em candomblé, os que já conhecem essa festa dos negros jeje-nagôs da Bahia, e seus descendentes, são levados a imaginar que iremos transplantar para o palco o “terreiro”, com seu babalô, seus orixás e tudo o mais, com detalhes, como os negros realizaram desde os primeiros desembarques em terras do Brasil. Não fazemos isso. Escoimamos do candomblé, “de caboclo” onde predomina a influência mestiça e até mesmo indígena. (...) Não fazemos concessões senão à arte cênica¹⁶

A militância do poeta no movimento negro traduziu-se na luta pela criação de espaços de resistência onde a cultura negra era valorizada. Esses objetivos podem ser considerados como estratégias de reversão da imagem do negro, visto como “máquina de trabalho”. Dono de uma narrativa bastante diferenciada dos cânones da poesia brasileira, Solano Trindade tem como lema a luta pela libertação dos homens. Segundo Solano, por ocasião do lançamento do livro *Cantares Ao Meu Povo*, em matéria do

¹⁶ CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 27 de outubro de 1957.

jornal *Diário da Noite*, 2ª edição “a própria declamação deve ser diferente, na poesia negra. Deve ser ritmada, livre da preocupação ocidental do termo estético”.¹⁷

Os elencos formados por trabalhadores de todas as profissões desde domésticas a pedreiros e estudantes, apresentavam espetáculos baseados em ritmos afro-brasileiros como os lundus, o jongo, o côco entre outros:

É interessante destacar a função social que o teatro exercia: ao representar a dimensão social do seu cotidiano, o artista estava adquirindo e oferecendo ao seu grupo social uma nova dignidade, ou seja, estimulando a capacidade de criar, revitalizando a inteligência, a sensibilidade e a sociabilidade presentes nas classes populares. Através da representação da “cultura popular” era possível construir uma nova consciência, um elo de ligação entre o seu “lugar social” e a sociedade mais ampla (GREGÓRIO: 2005, 105)

O elenco do Teatro era selecionado nas rodas de samba, nas favelas e nos terreiros. A sede da Associação Brasileira de Imprensa abrigava os ensaios do Teatro, no Centro do Rio de Janeiro, na Rua da Constituição, era aberta a todos, onde não se pedia identificação para entrar. Os espetáculos eram apresentados tanto em praça pública quanto na casa de intelectuais da rede de Trindade. Acusado de “explorar negros”, Trindade responde:

Alguns empresários inescrupulosos quando quiseram os elencos por mim preparados usaram da chantagem de me chamar de explorador de negros. Operários, funcionários públicos, empregadas domésticas e até marginais transformando-os em artistas e profissionais que atuaram em teatros, boates, cinemas rádio e tv do Brasil e do exterior. Exploro negros sem nenhuma ajuda oficial e vivo numa miséria que faz gosto, ensinando-lhes tema do nosso populário, a música, a dança, a mímica, a poesia e o ritmo do nosso povo. Hoje até alguns brancos estão sendo explorados por mim através dos cursos que realizei

¹⁷DIÁRIO DA NOITE, São Paulo, 2ª edição, 6 de outubro de 1961

Apresentando não só um discurso contra-hegemônico, como também um projeto de nacionalidade diferente tanto da classe dominante no período quanto de setores do movimento negro, o Teatro Popular Brasileiro atuou como um aparelho privado de hegemonia. Como já discutido no primeiro capítulo desta investigação, os aparelhos privados de hegemonia são a vertebração da sociedade civil e, muitas vezes, se apresentam como descolados da organização socioeconômica. Segundo Virgínia Fontes, ainda que tenham cunho cultural, todos esses aparelhos privados de hegemonia remetem ao mundo da produção e da política. Para ela,

Clubes, associações culturais ou recreativas tendem a considerar-se como desconectados do solo social no qual emergem e como distantes da organização política do conjunto da vida social. Certamente, os sindicatos – patronais ou de trabalhadores – sendo também formas associativas desse jaez enfatizam sua proximidade econômica e sua característica mais direta de defesa de interesses de tipo corporativo. (FONTES, 2010: 134)

Dessa maneira, é na sociedade civil que são moldadas as formas de dominação, irradiando como práticas e como convencimento. Assim como as escolas e as universidades, os centros de arte, os cursos de teatro ou pintura se limitavam apenas à população branca, marginalizando e excluindo progressivamente a população negra das instituições tradicionais de ensino.

No primeiro momento do pós-abolição, a pauta principal do movimento negro era a inserção da população negra nos espaços tradicionalmente dominados pela elite branca, sem defenderem uma subversão de valores, mas sim a entrada da população negra no sistema de ensino. Suas reivindicações se baseavam no argumento de que os ideais da República não estavam sendo colocados em prática. Se no ensino básico, os negros estavam impossibilitados de entrar em qualquer instituição escolar, com escolas de arte não seria diferente.

Em um cenário de disputa por hegemonia, intelectuais como Solano Trindade têm papel fundamental na luta de classes. Afim de organizar as vontades coletivas a partir dos aparelhos privados, os intelectuais são responsáveis pela criação, reafirmação e promoção de um consenso. A ação coletiva dos trabalhadores conta com estes organizadores da cultura. Não é somente na seara da luta direta (sindicatos, partidos) que os trabalhadores agem sob lideranças como Edson Carneiro, Solano Trindade e Margarida Trindade que cumpriam este papel de organização. Evidenciam traços de uma cultura popular que não se curvou, apesar das muitas tentativas da classe dominante, aos caprichos desse projeto de sociedade que tinha a racionalidade científica como exemplo e norte.

Em 1955, O TPB foi convidado para uma turnê na Europa, mais precisamente nos países da União Soviética. Dirigido ainda por Solano, o Teatro apresentou seus espetáculos, participando do Festival da Juventude Comunista. Em Varsóvia, participou de um concurso internacional de danças populares, ganhando medalha de ouro. Com a colaboração do elenco do Teatro Popular Brasileiro, Solano Trindade fez parte de diversos filmes e peças de teatro. Segundo Gregório,

A decisão de Solano Trindade em fixar residência com o Teatro Popular Brasileiro em São Paulo aconteceu em 1957, com a promessa de temporadas artísticas através de exibições no teatro e na televisão. Neste período, ele já estava separado de Margarida Trindade (GREGÓRIO, 2008: 16)

Este breve histórico se mostra importante para conseguirmos situar, de forma geral, que lugar Solano Trindade ocupava neste cenário e a que linhas de pensamento se vinculou.

No capítulo que segue, aprofundamos um pouco mais o círculo literário negro do qual Solano Trindade fazia parte e tentou construir, e ainda qual seria a importância de

um protagonismo negro na literatura. É fundamental notar que a emergência de um sujeito negro implica, em tratar de classe social, especialmente no contexto brasileiro. Sua militância em relação ao protagonismo negro, dono de sua voz, integra seu combate no seio da luta de classes. Este tema será explorado com mais atenção na quarta e última parte deste capítulo.

Entendemos aqui que se trata de um ato político de muitos significados a declaração de um escritor como negro ou mesmo a tomada de posição de integrar o que chamamos de literatura negra – onde se encontra Solano Trindade –, na medida em que partilhamos da mesma posição adotada por Zilá Bernd. Segundo a autora, é na medida em que o enunciadôr quer ser negro que podemos inseri-lo em uma “escrita negra”. Florentina de Souza e Wlamyra Albuquerque nos dão a definição do que seria uma literatura negra:

Ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentidos a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Neste percurso, fortalece a reversão de imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. (ALBUQUERQUE; LIMA: 2006, 24)

3. A Construção do Discurso Contra-hegemônico: a escrita de resistência

O presente capítulo investiga como a prática de Solano Trindade foi, aos poucos, tecendo o tom de sua obra poética e seu discurso contra-hegemônico. Uma discussão mais aprofundada sobre cultura faz-se necessário à medida que a partir deste conceito avançaremos para entender como a obra literária pode nos dar pistas sobre determinado contexto social. Entendendo que Trindade reivindicava uma identidade negra, mostra-se importante a discussão em torno dos termos *poesia afro-brasileira* e *poesia negra*, investigando até que ponto existe um eu-lírico negro.

No último item do capítulo, os poemas de Trindade são nossas fontes primárias. Para a análise da obra, tentarei conciliar fatores externos (sociais, da vida do poeta, sua militância) e internos (estrutura da poesia, como ela é feita e também seu contexto histórico). Não pretendo priorizar qualquer um dos dois extremos, de forma estanque, como o da explicação da obra somente pelo conteúdo ligado ao contexto, onde a obra só tem sentido quando se vincula, de alguma forma, à realidade. Muito menos partilho da linha de pensamento em que apenas a obra e sua estrutura se explicam por si mesmas

3.1. História e Literatura: Discussões sobre Cultura

É necessário retomarmos aqui a discussão sobre o conceito de cultura e as formulações sobre base econômica e superestrutura. No primeiro capítulo já havíamos apresentado este debate para introduzir de que conceito de classe esta pesquisa parte. Agora é necessário apresentar uma discussão em torno do conceito de cultura mais aprofundado, para entendermos de que maneira História e Literatura encontram-se interligadas. Assim, também podemos discutir o papel do autor como produtor (BENJAMIN, 1994) e de que modo Solano Trindade fazia de sua obra poética militância direta na luta de classes.

Para Raymond Williams, a cultura, no século XX adquiriu, basicamente três significados diferentes que podem ser resumidos desta forma: I) habilidades intelectuais (desenvolvimento intelectual, espiritual e estético); II) cultura como modo de vida (tradição, “raiz” – indicando um modo particular de vida, seja de um povo, de um período, de um grupo ou da humanidade em geral); III) Resultado dos povos que tem alguma ligação (músicas, filmes, livros – cultura como objeto produzido pelo homem).

Por algum tempo, algumas linhas de pensamento no campo marxista entenderam a cultura como mero reflexo da estrutura econômica, que seria determinante (“o ser social determina a consciência”). Segundo Raymond Williams, é preciso reavaliar os conceitos de base e superestrutura, assim como o conceito de determinação. Para ele, “determinação” poderia ter duas significações num primeiro momento: a noção de causa externa que controla uma segunda atividade ou a perspectiva, a partir das relações e experiência práticas, de determinação como sendo a fixação de pressões ou limites.

Para um marxismo, a superestrutura seria reflexo direto da base, da estrutura econômica. Williams propõe que reconsideremos alguns aspectos sobre o termo superestrutura, sendo necessário, assim, introduzir as noções de atraso e de distância das

atividades culturais do mundo da produção. Além dessas, Williams propõe uma terceira reconsideração: no lugar de “reflexo” da base, deveríamos pensar agora em “estruturas homólogas”. No entanto, para Williams, o conceito central para entendermos o processo cultural é o conceito de base. Para ele, seria necessário se afastar de uma abstração econômica engessada e aproximar-se das relações reais de produção, correspondendo a uma fase do desenvolvimento da vida material. Ainda segundo o autor,

Temos de reavaliar a “determinação” para a fixação de limites e o exercício de pressões, afastando-a de um conteúdo previsto, prefigurado e controlado. Temos de reavaliar “superestrutura” em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, temos de reavaliar “a base”, afastando-a da noção de abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homens em relações sociais e econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram-se sempre num estado de processo dinâmico (WILLIAMS, 2011: 47)

Segundo Thompson, ainda que alguns marxistas tenham tentado refinar a dualidade base/superestrutura, ela seria dotada de um reducionismo inerente, definindo atividades e atributos humanos, dispondo-os em uma dualidade. Para ele, o conceito de economia empregado neste tipo de análise seria limitado, já que não seria possível dispor a cultura, as normas, os rituais e os costumes de um lado e o mundo da produção de outro. Ainda há, aqui, uma prioridade atribuída ao econômico no sentido estrito, confundindo com um conceito também limitado de modo de produção. Produção e cultura são conceitos indissociáveis já que podemos pensar no modo de produção como modo de produzir a vida cotidiana, sendo assim inseparável das normas e culturas determinadas. As relações de produção, segundo ele, se expressam na luta de classes e é

exatamente por isso que não há como reduzir o mundo da produção ao sentido estrito de economia.

Classe social, segundo Thompson, é uma categoria histórica das relações entre pessoas através do tempo; como se tornaram conscientes de suas relações e de que maneira transmitem e moldam seus valores e instituições. Nesse sentido, classe é uma formação cultural e econômica. Do conceito estático e seu consequente modelo “quantitativo” de análise, desenvolvem-se uma categoria de classe que deveria corresponder a uma suposta “consciência”, emergindo assim, se não corresponde, uma “falsa consciência”: como se existisse a classe no mundo material e ela mesma não conhecesse seus próprios interesses. A dualidade base/superestrutura, para o autor, nos fornece um conceito de classe (no sentido estritamente econômico, base econômica) que se traduz em consciência de classe, ou superestrutura, sendo reflexo da primeira. Dessa maneira, podemos concluir que, para Thompson, a dualidade base/superestrutura não nos serve por estar fadada ao reducionismo econômico. Para ele, modo de produção e relações de produção são inseparáveis da cultura, das normas e dos valores.

A discussão sobre base e superestrutura é fundamental se quisermos falar de cultura dentro da tradição marxista. Segundo Williams, a base econômica “são as relações reais de produção que correspondem a uma fase do desenvolvimento das forças produtivas materiais” (WILLIAMS, 2011: 46). No campo da arte, mais especificamente da literatura, é impossível entender a obra sem compreender em que período sócio-histórico ela se encontra e, conseqüentemente, em que modo de produção ela estainerida. À medida que pensamos o modo de produção de maneira mais ampla, como um conjunto de práticas e valores, a cultura aparece como constituinte fundamental desse processo.

Segundo Terry Eagleton em seu *Marxismo e crítica literária*, “(...) as observações de Engels sugerem que a arte tem uma relação mais complexa com a ideologia do que o direito ou a teoria política, que incorporam de forma mais transparente os interesses da classe dominante”(EAGLETON, 2011: 30) . Ao discutir o conceito de hegemonia, Williams recorre a Gramsci. Segundo ele, o conceito de hegemonia ampliado pelo autor italiano inclui e, ao mesmo tempo, ultrapassa dois outros termos: cultura e ideologia. Segundo Raymond Williams, “A ‘hegemonia’ vai além da ‘cultura’, como antes a definimos, em sua insistência em relacionar ‘todo o processo social’ com distribuições específicas de poder e influência”(WILLIAMS,2011:78).

O conceito de hegemonia e contra-hegemonia formulados por Gramsci nos ajudam a elucidar como o poeta Solano travava sua luta diante da cultura dominante, de forma indireta, pelo meio da ideologia e uma “complexa combinação de forças políticas”. E como conseguia fazer parte da chamada contra-hegemonia, uma resistência. Segundo Eagleton,

As obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos de psicologia dos autores. Elas são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a “mentalidade social” ou ideologia de uma época (EAGLETON, 2011:19)

É importante chamar atenção ao fato de que a literatura negra se viu marginalizada e a maioria dos escritores negros (ou que debatem a temática negra) não são conhecidos da maior parte do público brasileiro até os dias de hoje. A hegemonia não existe sem uma contra-hegemonia, sendo esta característica significativa no processo histórico. Segundo Raymond Williams,

A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativo no próprio processo hegemônico. (WILLIAMS, 1979: 116)

A pesquisa sobre as discussões em torno das categorias de raça e classe, assim como a investigação sobre a militância do poeta em entidades da sociedade civil nos mostra como e quais são as “pressões”, “influências” ou “múltiplas determinações” a que estão submetidas as obras de Solano Trindade. Antônio Cândido, no livro *Literatura e Sociedade* faz um balanço das correntes de estudiosos que pensaram a obra de arte literária em relação à realidade material. Segundo ele, em um primeiro momento os estudos críticos atribuíam maior ou menor valor a uma obra e a seu significado, conforme sua ligação com aspectos da realidade. Num segundo momento, os aspectos da realidade material eram desconsiderados completamente e o valor da obra está justamente na forma, independente de quaisquer condicionamentos. Para o autor, não há como adotar nenhuma dessas perspectivas, mas sim, uma posição que encontre o equilíbrio entre ambas as visões. Segundo ele,

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006: 12-13).

Nesse sentido, Gramsci já indicava alguns caminhos. Segundo ele, a relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é uma relação direta, mas sim mediada em diversos graus pelo todo social, pelo conjunto todo da superestrutura. A obra literária e a literatura, desse modo, não são reflexos diretos do todo social e do modo de produção. Existem inúmeras mediações entre as duas esferas, ainda que vejamos a base como um processo. Segundo Antônio Cândido. Mesmo com suas determinações e influências do contexto social, a obra de arte não é uma transposição fiel à realidade, mesmo que para sua constituição seja necessário a junção de diversos fatores sociais. Segundo Cândido,

Ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente. (...) Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal (CÂNDIDO, 2006)

Walter Benjamin em seu artigo “O Autor Como Produtor” complexifica o papel do autor e de sua obra e a relação desses com o mundo da produção. Segundo Benjamin, assim como todos os outros produtores, o autor também tem de se situar dentro da esfera de produção:

Em vez de perguntar: como se vincula uma obra com as relações de produção da época? É compatível com elas, e portanto, reacionária, ou visa sua transformação, e portanto revolucionária? – em vez dessa pergunta, ou pelo menos antes dela, gostaria de sugerir-vos outra. Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar: como ela se situa *dentro* dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época (BENJAMIN, 1994: 122)

Entendemos que a obra tem sempre certa independência e “desfazendo o antagonismo tradicional entre fatores externos e internos poderemos entender a

singularidade e a autonomia da obra” (BENJAMIN, 1994:122). Ao analisar a poesia de Solano Trindade é clara a tentativa de criar outra realidade, um discurso contra-hegemônico, inclusive no que diz respeito especificamente à literatura. Por isso, entendemos tanto a obra, quanto a prática de Solano Trindade, em oposição à ideologia das classes dominantes.

É importante situar em que situação estava a questão racial para a burguesia brasileira no pós-abolição. Segundo Wlamyra Albuquerque, podemos dizer que foram basicamente quatro os argumentos da “ciência racial” que tiveram grande aceitação na sociedade brasileira daquele tempo: o primeiro, que haviam raças diferentes entre os homens; segundo, que a “raça branca” era superior à “raça negra”, ou seja, os brancos eram biologicamente mais inclinados à civilização do que os negros; terceiro, que havia relação entre raça, características físicas, valores e comportamentos; e, ainda, que as raças estavam em constante evolução, portanto era possível que uma sociedade pudesse ir de um estágio menos desenvolvido para outro mais adiantado (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO: 2006, 205).

Esses cientistas entendiam que o trabalho intelectual por eles desempenhado estaria no centro da modernização do país e da organização do Estado brasileiro. Próprio do capitalismo, esta valorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual é fruto da divisão social do trabalho, uma separação relativa entre o político, o administrativo e o econômico. É próprio do desenvolvimento da luta de classes de cada país. A escrita desenvolvida pelo pessoal do Estado, no capitalismo, tem um papel decisivo na segmentação da divisão entre trabalho intelectual e manual. A especialização típica deste trabalho intelectual, aliada à administração e à burocracia estatal é característica da burguesia que, segundo Poulantzas,

É a primeira classe da história que tem necessidade, para se firmar como classe dominante, de um corpo de intelectuais orgânicos. Estes, formalmente distintos dela, embora arregimentados pelo Estado, não tem um papel simplesmente instrumental (como foi o caso dos padres para a feudalidade) mas um papel de organização de sua hegemonia. (POULANTZAS, 1981: 69)

Segundo Ricardo dos Santos, um dos motes principais para o avanço do pensamento eugenista no Brasil, pelo menos até a década de 1930, teria sido a preocupação desses intelectuais com o controle das populações que haviam sido escravizadas e que, agora, estavam se proletarizando (SANTOS, 2008:16). A cultura popular, entretanto, resistiu e sobreviveu. Sobretudo, essa cultura cumpriu papel fundamental na formação da classe trabalhadora brasileira, com suas especificidades e distinções. Para Sidney Chalhoub:

Deve-se meditar, aliás, se a existência na cidade desta cultura popular vigorosa e largamente insubmissa, no momento crucial da formação do mercado capitalista de trabalho assalariado, explica, em alguma medida, o fato óbvio de que vivemos, hoje em dia, numa sociedade capitalista que não deu certo. (CHALHOUB, 2012: 256)

Dessa maneira, é importante lembrar que Gramsci observou que o Estado incorporava reivindicações e demandas dos grupos subalternos, porém mantendo a dominação de classe. Para ele, é necessário que o grupo dominante faça alguns sacrifícios para o exercício da hegemonia sobre o grupo dominado, mantendo intacta, entretanto, a hegemonia econômica. O exercício normal da hegemonia se dá pela conjunção da força e do consenso, fazendo parecer que a força esteja apoiada no consenso da maioria. Para Williams, é necessário lembrar que a hegemonia nunca é única. Sempre renovadas e recriadas, as hegemonias seriam um conjunto de práticas e expectativas, um conjunto de valores e significados que se reforçam mutuamente.

Exatamente por terem que se reinventar, as hegemonias podem ser constantemente desafiadas pelos grupos dominados. Ainda segundo Williams,

Há, porém, uma variação evidente nos tipos específicos de ordem social e no caráter das formações oposicionais e alternativas consequentes. Seria um erro ignorar a importância de obras, e ideias que, embora claramente afetadas pelos limites e pressões hegemônicas, são pelo menos em parte rompimentos significativos em relação a estes, e que podem em parte ser neutralizados, reduzidos ou incorporados, mas que, em seus elementos mais ativos, surgem como independentes e originais (WILLIAMS: 1979, 113).

É neste campo em que a literatura e a militância de Solano Trindade se encontram. A construção de um discurso que se colocava em direção oposta à das classes dominantes, tanto pelo combate ao racismo, quanto pelo questionamento da hierarquia colocada pela sociedade de classes. O discurso contra-hegemônico criado por poetas como Solano Trindade é de fundamental importância no sentido de criar mundos alternativos, perspectivas de mudança e transformação de simbologias.

3.2. Literatura Negra ou Afro-Brasileira?

Alguns poetas e romancistas brasileiros denunciaram e denunciam a situação do negro no pós-abolição, tendo em vista que muitos deles se dividiam entre a escrita e a militância no movimento negro. Mostra-se importante entendermos que eu-lírico negro ou afro-brasileiro é este que fala em primeira pessoa, que é protagonista de sua história, como nas poesias de Solano Trindade. Por isso, nesta primeira parte do capítulo nos dedicaremos a pensar o conteúdo político que atravessa as expressões “Literatura Negra” e “Literatura Afro-brasileira” no país, fazendo um balanço bibliográfico sobre a questão. Segundo Cuti, em seu livro *Literatura Negro-Brasileira*:

A antropologia brasileira nasce no Brasil sob o signo do racismo. A sociologia segue os mesmos passos, a literatura e a história também. A formação discursiva dominante, com todas as ranhuras e fraturas que sofrerá, chegará, nesse quesito, até o século XXI, ainda com poder de convencimento. (CUTI, 2010: 18)

Muitos autores se debruçaram sobre o tema da literatura negra, sob diversas perspectivas. Eduardo Assis Duarte chama atenção para as características da “escrita afro-brasileira” e aponta o que a diferencia do contexto da literatura brasileira em geral. Duarte elenca cinco pontos que seriam importantes para tal distinção, sendo eles: 1) a temática: segundo o autor, este ponto seria fundamental para a classificação de uma obra como sendo “literatura afrodescendente”. As temáticas são muitas tendo, entretanto, sempre próximo, o discurso contestador do discurso colonial, presente até hoje nas produções artísticas. Para o autor, também seriam temáticas da literatura afrodescendente a miséria e a exclusão, a marginalidade, a crítica ao preconceito, dentre outros; 2) a autoria, implicaria necessariamente em fatores biográficos e fenotípicos. Paradoxalmente, entretanto, o autor afirma que “é preciso compreender a autoria não apenas como um dado exterior, mas na condição traduzida em constante discursiva

integrada à materialidade da construção literária” (DUARTE, 2005: 4); 3) o ponto de vista complementar a autoria, implicando no conjunto de valores ideológicos expressados através da obra. A sutileza de criar um personagem que é escravo e também protagonista e narrador de uma história integrariam este ponto. Segundo Duarte, o ponto de vista “afro-brasileiro” atinge seu auge com o grupo Quilombhoje¹⁸ sua série de Cadernos Negros (primeiro volume publicado em 1978); 4) a linguagem, para este autor, é fundamental para o que ele chama de diferença cultural no texto literário: “a afro-brasilidade se tornará visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e uma semântica própria empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua”(DUARTE: 2005,8); 5) a formação de um público, marcado pela diferença cultural e pela afirmação identitária comporiam também o projeto literário afro-brasileiro, segundo ele, de modo que “esse impulso à ação e ao gesto político leva à criação de outros espaços mediadores entre o texto e o público” (DUARTE:2005, 8).

Na medida em que explicitamos o ponto de vista do autor citado, pensamos ser fundamental a crítica a esses pontos para o debate sobre os termos “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”. Para Zilá Bernd, a literatura negra brasileira seria aquela capaz de fazer emergir uma consciência negra, de modo que o enunciador assumiria uma identidade negra; o eu-lírico, dentro desta perspectiva, busca raízes e está preocupado em protestar contra o racismo. Duarte, no tópico intitulado “temática”, elege pontos que os textos da “literatura afro-brasileira” abordam.

¹⁸ O Grupo Quilombhoje teve origem no Movimento Negro Unificado (1978) que, por ocasião do Festival Comunitário Negro Zumbi, lançou a primeira edição dos Cadernos Negros. A partir de 1982, o grupo adotou o nome atual e tinha como objetivo articular e reunir escritores negros paulistas, além de incentivar a leitura entre a população negra. Os Cadernos Negros são antologias anuais que alternam poesias e contos. Para saber mais cf.: **BERND, Zilá.** *Poesia negra brasileira: antologia*. Editora AGE, 1992

Isso se torna um problema quando pensamos ser limitador à produção artística tudo aquilo que queira delimitá-la, como se a literatura negra só pudesse abordar temas de religião, oralidade ou ligados A contextos da favela. Compreendemos a intenção de classificar para melhor analisar a produção literária. Todavia, não podemos cair na armadilha de pensar a realidade como algo separado e estanque.

No segundo ponto analisado pelo autor, ou seja, a autoria, trata-se de uma questão controversa. Duarte afirma que esta estaria diretamente ligada a fatores tanto biográficos, quanto fenotípicos. Álvaro Hattner compartilha do argumento de que a literatura negra se define através da mudança de posição do autor negro, agora protagonista, sujeito de seu próprio discurso, tornando-se um *eu-lírico* que tem a posse de suas falas. No entanto, essa passagem de personagem secundário a protagonista requer, necessariamente, a experiência histórica do ser negro. Segundo ele, a literatura se faz negra no momento em que recebe toda a carga da experiência negra. Para Zilá Bernd, entretanto,

O conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que quer ser negro. (BERND IN: HATTNER, 2009: 80)

Para Cuti, em seu livro *Literatura Negro-Brasileira*, denominar a literatura negro-brasileira como afro-brasileira seria projetar esta escrita A uma origem continental africana, uma ascendência original inexistente, “uma fraternidade genérica que beira a fantasia das fantasias” (CUTI, 2010: 41). A denominação “afro-brasileira” para alguns autores, segundo Cuti, é iniciativa de cientistas sociais estrangeiros brancos, respaldados por um discurso acadêmico “dos quais os primeiros foram os Congressos Afro-brasileiros” (CUTI, 2010:37). Ao contrário do que afirma Cuti, os Congressos Afro-Brasileiros não foram dirigidos e/ou organizados somente por pesquisadores

brancos, contando com a participação de diversos intelectuais negros, inclusive Solano Trindade.

Entretanto, a expressão “Literatura negra”, formulada por intelectuais que não integravam a academia, é mais precisa. “Afro” não quer dizer necessariamente negro. Porque as escritas afro e negro-brasileiras seriam de ordens diferentes? Ainda para o autor,

Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afro-descendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto! (CUTI, 2010: 38-39)

Este debate se faz importante na medida em que pretendemos discutir como classificar este tipo de literatura. Florentina de Souza e Maria Nazaré definem como “literatura afrodescendente” aquela que insiste em uma visão vinculada às matrizes africanas e, simultaneamente, procura perceber as mudanças que essas heranças sofreram na diáspora. Já a chamada “literatura afro-brasileira” valorizaria o elo entre o termo “literatura” e sua relação de criação com África (mostrada tanto como berço civilizacional, quanto como o espaço que nos legou um grande contingente de escravos).

Não existe, nem nunca existiu, uma “escrita negra” ou uma literatura essencialmente negra no sentido literal dos termos. Para nós, não é nem a cor da pele do autor, nem a temática abordada que importam quando classificamos uma poesia, um romance ou qualquer obra literária como literatura negra. É, sobretudo, a auto-declaração do escritor como negro e sua identificação com esse meio artístico específico que se mostram

importantes nos critérios de análise para classificarmos a inserção de um autor na chamada “Literatura Negra” feita no Brasil. A arte, ainda que produzida dentro de um contexto sócio-histórico, é imprevisível e não segue regras tão definidas como querem os cientistas sociais, categoria da qual fazemos parte.

Entendemos aqui que se trata de um ato político de muitos significados a declaração de um escritor como negro ou mesmo a tomada de posição de integrar o que chamamos de literatura negra – onde se encontra Solano Trindade –, na medida em que partilhamos da mesma posição tomada por Zilá Bernd. Como diz a autora, é na medida em que o enunciador quer ser negro que podemos inseri-lo em uma “escrita negra”. Florentina de Souza e Wlamyra Albuquerque nos dão a definição do que seria uma literatura negra:

Ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentidos a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Neste percurso, fortalece a reversão de imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. (ALBUQUERQUE; LIMA: 2006, 24)

Para o poeta, a transformação na situação do negro nas Américas estaria diretamente ligada a uma mudança na situação dos trabalhadores. O poema intitulado “Canto dos Palmares” explicita esse ponto de vista. Destacamos o seguinte trecho:

(...)

Eu canto aos Palmares
odiando opressores
de todos os povos
de todas as raças
de mão fechada contra todas as tiranias!

Fecham minha boca
mas deixam abertos os meus olhos
Maltratam meu corpo
minha consciência se purifica

Eu fujo das mãos do maldito senhor!
Meu poema libertador
é cantado por todos, até pelo rio.

(TRINDADE, 2008:37)

Segundo Souza e Lima, Solano lutou pela expansão do espaço de publicação para escritores negros, trabalhando com temas relacionados à cultura negra. Introduzir temas, ritmos e expressões do candomblé em suas obras, colocando assim, o negro orgulhoso de suas origens africanas, como protagonista de sua história. Colocou no centro das atenções uma simbologia que, embora fosse velha conhecida dos descendentes de escravos, era nova dentro da poesia. Para as autoras, tais objetivos são considerados como estratégias de reversão da imagem do negro visto como “máquina de trabalho”.

Assumir a identidade negra, para Solano, significou também romper com a Igreja Presbiteriana da qual fez parte, chegando a diácono. Estar próximo do candomblé e demonstrar isto em sua poesia, integrou sua militância contra o racismo. Além da resistência organizada e formal, seja em partidos políticos ou sindicatos, seja em greves ou revoltas, a classe trabalhadora carioca construiu estratégias de resistência e sobrevivência ao controle social do Estado brasileiro e de uma parcela da classe dominante, cotidianamente.

Stella Guedes Caputo, em seu livro *Educação nos Terreiros*, faz uma discussão sobre como se deu a transferência de parte do patrimônio cultural africano por intermédio dos terreiros. Trata-se de organizações que tem fundamental importância para a manutenção de tradições dos povos escravizados no alvorecer da República.

A região portuária do Rio de Janeiro desempenhou importante papel para a multiplicação do candomblé. Aos poucos, os terreiros e tendas foram migrando para a Zona Norte, nos subúrbios, e para a Baixada Fluminense, onde Solano Trindade morou.

Segundo ela, “(...) as constantes mudanças não eram causadas apenas por ‘reorganizações urbanas’. Nessas ‘reorganizações’ estavam inseridas as perseguições aos terreiros e seus fundadores e frequentadores” (CAPUTO, 2012:49). As classes dominantes se basearam fortemente em discursos científicos e “racionais” para legitimar sua organização.

Na antologia organizada por Zilá Bernd em 1992 intitulada *Poesia Negra Brasileira*, o período contemporâneo da literatura negra brasileira se destacaria pelo que ela chama de “literatura de resistência” que, por sua vez, se divide em duas tendências. A primeira, seria “consciência resistente”, onde estaria agrupado Solano Trindade e a segunda, “consciência trágica” incluindo escritores como Abdias Nascimento e Cuti. Porque a autora distingue a poesia de Solano como uma obra de “consciência resistente”? Segundo Florentina de Souza e Maria Nazaré,

Incluído no período contemporâneo, o “Canto dos Palmares”, de Solano Trindade, salienta os feitos dos quilombolas, que deixam de ser vistos como representantes da marginalidade “fora-da-lei” e passam a ser cantados como heróis, a exemplo do que ocorre nas epopeias clássicas. (ALBUQUERQUE; LIMA: 2006, 18)

Esse é o papel da literatura de resistência, segundo Bernd, de modo que aquela elege mitos e valores a qual se forja uma auto-representação cultural positiva. Para alguns críticos, Solano foi o fundador da poesia “assumidamente negra” no Brasil. O discurso contra-hegemônico elaborado por poetas como Solano Trindade são de fundamental importância no sentido de criar mundos alternativos, perspectivas de mudança e transformação de simbologias.

É importante lembrar que, tal como já apontamos, Gramsci observou que o Estado incorpora reivindicações e demandas dos grupos subalternos, conquanto mantendo a dominação de classe.

O exercício normal da hegemonia se dá pela conjunção da força e do consenso,

fazendo parecer que a força esteja apoiada no consenso da maioria, através de órgãos de opinião pública. Segundo Thompson, poucas vezes e por pouco tempo um grupo dominante exerce sua autoridade pela força militar e econômica direta. Está exatamente aí a importância da formulação de um senso comum e da irradiação do convencimento, da pedagogia, por intelectuais como Solano Trindade. Para Cuti, “literatura é poder, poder de convencimento, fonte inspiradora do pensamento e da ação (CUTI, 2010:12).

Para Williams, é necessário lembrar que a hegemonia nunca é única. Sempre renovadas e recriadas, as hegemonias seriam um conjunto de práticas e expectativas, um conjunto de valores e significados que se reforçam mutuamente. Exatamente por terem que se reinventar, as hegemonias podem ser constantemente desafiadas pelos grupos dominados. O autor chama a atenção para o fato de que essas lutas são importantes não somente em si mesmas, mas “com características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar, na prática” (WILLIAMS, 1979:116).

Para Gramsci, é necessário pensar uma outra cultura para, aí então, pensar uma nova arte. Segundo o autor,

Deve-se falar de luta por uma nova cultura, isto é, por uma nova vida moral, que não pode deixar de ser intimamente ligada a uma nova intuição da vida, que chegue a se tornar um novo modo de sentir e de ver a realidade e, conseqüentemente, um mundo intimamente relacionado com os “artistas possíveis” e com as “obras de arte possíveis” (GRAMSCI, 1968:8)

Dessa maneira, a cultura se mostra um conceito amplo, integrando a visão de mundo de cada classe e da disputa entre e intra classes. Por isso, a multiplicação dos aparelhos privados de hegemonia dos grupos subalternos se mostra essencial para construir oposições aos aparelhos e entidades de parcelas da classe dominante, criando uma contra-hegemonia. Assim, identificamos Solano Trindade como responsável por criar um discurso contra-hegemônico em sua poesia, de resistência tanto em sua

obra, como em sua vida. Sua obra recusa estereótipos, tanto de passividade, quanto de submissão, tentando reescrever aquela narrativa que sempre é contada na perspectiva da elite branca. Segundo Florentina de Souza, é um compromisso pedagógico social (SOUZA, 2004: 286).

Maria do Carmo Gregório destaca o autor David Brookshaw como um leitor recente da obra de Solano, que enfatiza a escolha do poeta no sentido de romper com “o mundo burguês e com a moralidade do homem branco, que exigia um ‘comportamento virtuoso’ para a integração e ascensão do negro na sociedade brasileira” (GREGÓRIO, 2005: 253).

3.3. Solano Trindade: O Poeta do Povo

Partindo desses princípios, analisaremos a seguir como o poeta Solano Trindade se inseriu em uma tradição contra-hegemônica e de resistência a um padrão cultural vigente com sua poesia. Chamamos atenção, sobretudo, para o papel que desempenha a reivindicação do candomblé como visão e filosofia de mundo que questiona o *status quo*, como Trindade afirma uma identidade negra e de luta. Este autor, junto a muitos outros, integra um círculo literário alternativo à literatura brasileira canônica.

Solano Trindade é autor de literatura negra, que contesta diretamente os valores da cultura dominante, produzindo o que chamamos de contra literatura. Aqui, como em Thompson, a preocupação principal é reconstruir a experiência das pessoas comuns. Trindade tem sua atenção voltada àqueles que são esquecidos, aos que, historicamente, a voz foi negada. Esse discurso fica claro em muitos de seus poemas, como “OlorumEkê”:

OlorumEkê

OlorumEkê

OlorumEkê

Eu sou poeta do Povo

OlorumEkê

A minha bandeira

É da cor de sangue

OlorumEkê

OlorumEkê

Da cor da Revolução

OlorumEkê

Meus avós foram escravos

OlorumEkê

OlorumEkê

Eu ainda escravo sou

OlorumEkê
OlorumEkê
Os meus filhos não serão
OlorumEkê
OlorumEkê
(TRINDADE, 2008 :47)

Na língua iorubá, a palavra Olorum quer dizer algo como “deus ou senhor” enquanto ekê significa “falsidade ou pessoa falsa”; “Olorumekê” seria então “deus da mentira” ou “senhor da mentira”. Sabendo disso, o poema de Trindade ganha outro rumo. A presença do candomblé nas poesias de Solano Trindade mostra uma resistência às religiões de origem européia, impostas pelos colonizadores brancos, assim como determina um eu-lírico dono de sua voz, protagonista de sua vida, tentando impedir uma assimilação.

Segundo Solano, por ocasião do lançamento do livro *Cantares ao meu povo*, em matéria do jornal *Diário da Noite*, 2ª edição “a própria declamação deve ser diferente, na poesia negra. Deve ser ritmada, livre da preocupação ocidental do termo estético”¹⁹. O ritmo imprimido pelo autor à poesia nos remete a um canto de guerra, de luta. “OlorumEkê” ou “senhor da mentira” é a quem o eu-lírico dirige à palavra e assim constrói sua narrativa. Parece disputar a liberdade tão almejada e, dirigindo a palavra ao senhor da mentira, o provoca e vence, a cada verso.

À medida em que o poema segue, o autor repete que seus antepassados eram escravos, assim como ele mesmo ainda o é. Parece também não aceitar um deus imposto a ele e aos seus. A disputa por uma memória que lute por liberdade é clara e o senhor da mentira parece vencer. Entretanto, no último verso, quando diz “meus filhos não serão [escravos]”, quem vence a disputa por liberdade é o eu-lírico.

¹⁹*Diário da Noite*, 2ª edição, São Paulo, 6 de outubro de 1961

A militância do poeta no movimento negro foi uma luta pela criação desses espaços de resistência, onde a cultura negra era valorizada. Tais objetivos são considerados como estratégias de reversão da imagem do negro, visto como “máquina de trabalho”. Os protagonistas das narrativas de Trindade são motoristas de ônibus, plantadores, maquinistas, além de também ser o trovador das histórias dos orixás. Dono de uma narrativa bastante diferenciada dos cânones da poesia brasileira, Solano Trindade tem como lema a luta pela libertação dos homens.

Segundo Zilá Bernd, Trindade faz parte de uma literatura resistente. O discurso contra-hegemônico se faz explícito em seus poemas. Para ela,

A poesia negra brasileira enuncia-se como literatura de resistência, construindo-se a partir da cultura africana que sobreviveu na América em presença das culturas europeia e indígena. Em suma: esta resistência exerce uma função de sacralização por meio da qual o poeta relembra aos membros da comunidade, a quem basicamente é dirigida a mensagem poética, o conjunto de mitos fundadores, lendas e ações heroicas associadas à história do negro no Novo Mundo. Da conjugação destes elementos e sua transformação em matéria poética origina-se o caráter de resistência da vertente da poesia negra brasileira que leremos a seguir. (BERND: 2011, 61)

A resistência de que fala Bernd está explicitamente colocada nos poemas de Trindade. Para ele, o fim do racismo implicaria, necessariamente, no fim do capitalismo, de maneira que as opressões de classe estão intimamente ligadas à questão racial que se mostra estrutural na sociedade brasileira. Para Trindade, lutar contra a opressão de raça era uma forma de combate na luta de classes. Isso fica claro em uma série de poemas que contêm expressões, histórias e ritmos das religiões afro-brasileiras. Um deles, intitulado “Macumba” fala sobre a madrugada:

(...)

Noite de yemanjá

Negro come acaçá

Noite de Yemanjá
Filha de Nanan
Negro come açaçá
veste seu branco abebé

(...)

Negro pula

Negro dança

Negro bebe

Negro canta

Negro vadia

Noite e dia

Sem parar

Pro corpo de Yemanjá

Pros cabelos de Obá

Do Calunga

Do mar

Cambondo sua

Mas não cansa

Cambondo geme

Mas não chora

Cambondo toca

Até o dia amanhecer

(...)

(TRINDADE, 2008: 76-77)

Trindade não conseguia e não queria se desvincular da tradição das religiões afro-brasileiras. Tentava, todo o tempo, afirmar uma identidade negra, reivindicando ancestralidades africanas, como nesse poema de seu último livro *Seis Tempos de Poesia* (1961):

Sou negro
Meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaque,

gonguês e
agogôs.
Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho
e fundaram o primeiro maracatu.
Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu o pau comeu
Não foi um pai João humilde e manso.
Mesmo vovó
não foi de brincadeira
na guerra dos Malés
ela se destacou.
Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.”
(TRINDADE, 2008:162)

O poema acima, intitulado “Sou Negro” é paradigmático do que era a literatura militante de Solano Trindade. A reivindicação de uma ascendência africana é bastante óbvia, tanto ao nos revelar a origem de seus avós, quanto ao afirmar que “minh'alma recebeu o batismo dos tambores”. O eu-lírico que fala em primeira pessoa se assume como negro, lembrando da escravidão, sem deixar, no entanto, de estar ligado à cultura negra de modo geral (como o maracatu, nos instrumentos musicais), Revelando, assim, orgulho de pertencer a essa identidade. Descreve como esses ancestrais desempenharam papéis relevantes lutas de resistência à escravidão e nas tentativas de subjugar os negros, chegando a citar o líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi. Logo depois, cita a Revolta

dos Malês – uma sublevação de escravos de origem muçulmana em Salvador, então capital da colônia, no ano de 1835. É como se Trindade, ao nos contar a história de sua família e sua origem, passeasse por toda a história dos negros que vieram para o Brasil. De modo contundente, evidencia toda uma trajetória de lutas e assume o fardo que carrega, nos remetendo ao momento em que o poeta escreve.

É importante notar como Trindade constrói a poesia de modo ritmado, onde os elementos musicais estão separados (“atabaque/ gonguês e/agogôs” e “o samba/ o batuque/ o bamboleio”). O verso que se destaca dos elementos musicais é justamente “e o desejo de libertação”, no qual o poeta parece querer mostrar que tal desejo por liberdade também é uma herança cultural daqueles que vieram da África e se tornaram cativos.

Ele descende de gerações de resistentes e, justamente por isso, também carrega tal responsabilidade. Sua fala se mostra contra-hegemônica, no sentido de construir uma narrativa histórica em que luta para não se deixar escravizar. Além disso, é bastante explícito que, apesar do domínio sofrido por essa população, o negro também quer ser sujeito de sua própria história.

Solano Trindade é herdeiro do samba, mas também herdeiro da ânsia por liberdade. O discurso diretamente militante e quase didático de Trindade a todo momento convoca para a luta os negros e negras oprimidos. O poeta usa a palavra para convocar à resistência e isso se mostra de forma contundente tanto em “Negros”, quanto em “Deformação”:

Deformação

Procurei no terreiro

Os Santos D’África

E não encontrei,

Só vi santos brancos

Me admirei

Que fizeste dos teus santos

Dos teus santos pretinhos?

Ao negro perguntei.

Ele me respondeu:

Meus pretinhos se acabaram,

Agora,

Oxum, Yemanjá, Ogum,

É São Jorge,

São João

E Nossa Senhora da Conceição.

Basta Negro!

Basta de deformação!

(TRINDADE, 2008:44)

Ao tratar do tema da religiosidade afro-brasileira, Trindade toca em um ponto controverso: muitos adeptos do candomblé, temerosos da discriminação, adaptaram e adaptam muitos rituais de sua religião sincretizados a elementos do catolicismo. Assim também se deu durante a escravidão, quando muitos cativos resignificaram os santos brancos da Igreja Católica, associando Ogum a São Jorge, por exemplo. O poeta chama atenção para afirmação de uma identidade e um orgulho negro, claramente reivindicações de resistência ao racismo e às “deformações” impostas pelos brancos.

Na ocasião do lançamento do livro *Cantares Ao Meu Povo*, em 1961, o jornalista

Carlos Freitas escreveu que “a poesia social de Solano Trindade não está carregada de ódio de classe (sem que lhe falte aguda consciência de classe) e cremos nisso reside um dos mais positivos fatores de sua autenticidade. O poeta não alimenta ódios, desesperos e diferenciações. Canta a dor e o desajuste social”²⁰. O poema “Cantares da América”, presente no livro que estava sendo lançado naquela noite, ilustra bem o que o Carlos Freitas afirma.

Cantares da América

BLUES / swings / sambas / frevos / macumbas / jongôs

ritmos de angústia e de protestos

estão ferindo os meus ouvidos!...

São gemidos seculares da humanidade ferida

que se impregnaram nas emoções estéticas

da alma americana...

É a América que canta...

Esta rumba é um manifesto

contra os preconceitos raciais

Esta conga é um grito de revolta

contra as injustiças sociais

Este frevo é um exemplo de aproximação

e de igualdade...

Canta América

²⁰*Diário da Noite* 2ª, edição, São Paulo, 6 de outubro de 1961.

A tua voz irá do Ocidente para o Oriente

E de Oriente para Ocidente

porque no futuro

só teremos uma forma de arte

Canta América

não o canto de mentira e falsidade

que a ilusão ariana cantou para o mundo

na conquista do ouro

nem o canto da supremacia dos derramadores de sangue

das utópicas novas ordens

de napoleônicas conquistas

mas o canto da liberdade dos povos

e do direito do trabalhador...

Neste poema, Trindade conclama toda a América a se unir em torno de um mesmo objetivo. É interessante notar que, em sua narrativa, a chamada explicitamente política se mistura com a menção à cultura popular de cada região. Sua militância ultrapassa os limites da métrica e esse grito por liberdade e sua ânsia pela luta é o que chama mais atenção em sua poesia.

A obra literária de Solano Trindade emana força e chama à organização a população marginalizada desse sistema político. A partir de sua poética e sua militância retrata a classe trabalhadora, que encontrou brechas no cotidiano duro, de maneiras distintas, para sobreviver, trabalhar e se organizar. A partir de situações de vida duras, vemos emergir a força de uma cultura de resistência e do jogo de cintura, como um pedestre que desvia dos carros e ainda dança.

Conclusões

Esta pesquisa fecha um ciclo de quase cinco anos de investigação sobre a vida e a poesia de Solano Trindade. Não fui a primeira a abordar a luta dessa figura que, sem dúvida, é de extrema importância para a história do movimento negro e do movimento social no Brasil. As questões que pretendi debater aqui nasceram da percepção de raça e classe social são conceitos que são indissociáveis. Não somente por capricho teórico ou discursivo, classe social é atravessada a todo momento por questões raciais no país, assim como, aqui, raça ainda indica classe.

Os questionamentos que deram origem à esta pesquisa também se iniciaram no momento em que me dei conta de que no Brasil construiu-se um esquecimento, até bem pouco tempo, sobre quem foi Solano Trindade, em detrimento de outras personalidades a ele ligadas, não só do movimento negro, mas também de lideranças de outros movimentos sociais. Entendemos que este esquecimento, mesmo num movimento tão plural, se deve à personalidade inquieta, incapaz de se curvar, do poeta. Além do combate ao racismo, não se contentava em ser incluído em uma sociedade que lucra e se beneficia dos trabalhadores de pele negra.

Para Marcelo Badaró, em seu livro *Escravidados e Livres*, que o processo de formação da classe trabalhadora brasileira na virada do século XIX para o século XX, contou não só com a experiência dos trabalhadores livres, artesãos e comerciantes, como também com a experiência da população que fora escravizada. Os métodos de contenção social colocados em prática pelas classes dominantes, segundo ele, foram decisivos na construção do perfil dessa fração da classe trabalhadora (MATTOS, 2008: 21).

Assim como o movimento negro, há muito pouco tempo comunistas redescobriram quem foi e como partilhavam ideais de mundo com Solano Trindade.

Lutar pelo fim da exploração e do capitalismo era necessariamente, para ele, falar da questão racial. A incansável e multifacetada trajetória de Trindade, militando em distintas frentes, é um exemplo de que raça e classe social são conceitos indissociáveis, inexistindo, assim, hierarquia de determinações.

Observamos também que, assim como nos dias atuais – em que a pauta da questão racial está na ordem do dia, retornando com toda força e que as discussões sobre raça e classe estão acirradas – há muito que tanto a esquerda, quanto a direita, disputam as lutas de combate ao racismo e sobre a cultura negra brasileira em geral. As discussões sobre raça e classe ainda que estejam na ordem do dia de movimentos sociais, são ainda incipientes no campo historiográfico. Os debates gerados em torno da questão começam a ter espaço há muito pouco tempo e a investigação sobre como as duas categorias se relacionam no Brasil não pode estar apenas no âmbito da estratégia política

O trabalho caminhou no sentido da afirmação da militância de Solano Trindade tanto dentro dos espaços tidos como tradicionais da luta política (sindicatos, partidos políticos), quanto fora deles, como apontam sua poesia e atuação no Teatro Popular Brasileiro, além de suas pesquisas sobre danças e ritmos brasileiros. Assim como os processos de formação da consciência de classe quanto processos de afirmação de identidades se dão tanto nesses espaços tradicionais de discussão política, quanto no cotidiano da classe trabalhadora, no lazer e na produção da cultura.

Dessa maneira, Trindade se apresenta como intelectual orgânico, de acordo com Gramsci, em sua totalidade. O intelectual, nesse viés, é aquele que consegue conjugar teoria e prática política em prol de sua classe tendo, assim, a capacidade de organizar/dirigir a cultura. Segundo ele, “Os intelectuais orgânicos devem ter a capacidade de organizar a sociedade, em todo seu complexo de organismos, até mesmo

o organismo estatal, criando assim condições favoráveis à expansão da própria classe.” (GRAMSCI, 2011: 15).

Intelectual com todas as letras, a luta de Solano Trindade ultrapassa os limites da métrica e esse grito por liberdade e sua ânsia pela luta é o que chama mais atenção em sua poesia. A forma como o grito de Trindade se constrói foi objeto de investigação desta pesquisa: desde a recorrência às religiões afro-brasileiras como formas de resistência (mesmo antes do movimento negro em geral considerá-las como tal), ao corte classista na lírica do poeta.

Em um mundo onde o pensamento teórico e crítico tem cada vez menos espaço, é preciso retomar a ideia de que todos, sem exceção, podemos ser intelectuais. Dessa maneira, cada vez mais entendo que retornar a figuras como Solano Trindade tem extrema importância nos dias atuais. Fora da academia, Trindade faz emergir um pensamento em consonância com a totalidade, pensando tanto a política na vida cotidiana, quanto nas grandes batalhas a serem travadas.

Anexos I – Lista de Fontes

Jornais

A Voz da Raça (1933)

A Noite: Suplemento

A Scena Muda (1940)

Fundamentos (1948)

Diário Carioca (1950)

Diário da Manhã – PE (1940)

O Clarim da Alvorada (1924)

O Getulino (1933)

O Quilombo (1948)

Nossa Voz (1959)

Tribuna Popular – RJ (1940 a 1949)

Filmes

O Vento Forte do Levante. Dirigido por Rodrigo Dutra. Rio de Janeiro, AnguTV!, 2009. (51:47 min.) son. color. Documentário, DVD.

Imagens de Uma Vida Simples. Dirigido por Daniel Fagundes. São Paulo, NCA e Cia. Sancacroma, 2001. (32 min.): son. color. Documentário, DVD.

Solano Trindade 100 anos. Dirigido por Alessandro Guedes e Helder Vieira. Pernambuco, Cara de Cão Filmes/ Cabra Quente Filmes/Fábrica Estúdios, 2008. (33: 40 min) son. color. Documentário, DVD.

Entrevistas

Newton Menezes (concedida à Maria do Carmo Gregório)

Raquel Trindade (concedida à Maria do Carmo Gregório)

Arquivos frequentados

Setor de Polícias Políticas - Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Setor de manuscritos - Biblioteca Nacional

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Anexo II

Cronologia da Vida de Solano Trindade

- Nascido em Recife, em 1908, sua história é paralela a do Movimento Negro no Brasil.
- Em 1934 funda a Frente Negra Pernambucana
- No ano seguinte inicia as atividades do Centro de Cultura Afro-Brasileiro
- Até 1940 exerce função de diácono na Igreja Presbiteriana
- Em 1942 se muda para Duque de Caxias
- Dois anos depois publica seu primeiro livro "Poemas D'uma Vida Simples"
- Em 1950 funda junto com Margarida Trindade e Edson Carneiro o Teatro Popular Brasileiro
- Neste período, se aproxima do PCB
- Em 1957 se muda para Embu, São Paulo
- Publicou mais dois livros: "Seis Tempos de Poesia" (1958) e Cantares ao Meu Povo" (1961)

Bibliografia

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. (orgs). *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALBUQUERQUE, W; FRAGA FILHO, W. *Uma História do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANDERSON, KEVIN B. (org.) *Marx At Margins: On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

APPIAH, K. *Na Casa de Meu Pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAKAN, A.B; DUA, E. (orgs.) *Theorizin Anti-Racism: linkages in Marxism and critical race theorie*. Toronto: University of Toronto Press, 2014.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. *O Autor como Produtor* IN: *Magia e Técnica, Arte e Política*, ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994,

BERND, Z. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Z. *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BIANCHI, Álvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história, política.* São Paulo: Alameda, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade.* 3ª Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1973.

CAPUTO, S. G. *Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé.* Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História.* Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2012.

CALLINICOS, A. *Capitalismo e Racismo.* São Paulo: Zahar, 2000.

CHADAREVIAN, P. C. *Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964).* Revista Política & Sociedade, Florianópolis, volume 11, no. 20, abril de 2012.

CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim.* São Paulo: Ed. UNICAMP, 2012.

COUTINHO, Carlos Nelson (org.). *O Leitor de Gramsci.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CUTI. *Literatura Negro-Brasileira.* São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe.* São Paulo: Boitempo, 2016

Da Silva, Julio Claudio. *Rute de Souza. Ruth de Souza e a Narrativa de Uma Época: O Teatro Experimental Do Negro e As Lutas Anti-Racistas No Brasil Das Décadas De 30 e 40.* Tese de doutora, 2007.

DE SOUZA, F. *Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira.* Afro-ásia 31, 2004

DE SOUZA, F; LIMA, M. N. *Literatura Afro-brasileira (orgs.)*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

DOMINGUES, P. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*, Niterói: Revista Tempo, 2007.

DOMINGUES, P.; GOMES, F. (orgs.). *Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890 -1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afra-descendência*. In: _____. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/> (acessado em 22/09/2013)

FERNANDES, F. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes (Volume 1 e 2)*. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

FERNANDES, F. *A Revolução Burguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar (2ª ed.)*, 1976.

FONTES, V. *Brasil e o Capital Imperialismo: Teoria e História*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2010;

GONZÁLES; HANSENBALG. *Lugar de negro*, Rio de Janeiro, Editora Marcozero, 1994.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere. Vol. 3*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

2011.

GRAMSCI, A. *Literatura e Vida Nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

GREGÓRIO, M. do CARMO. *Solano Trindade: Raça e Classe, Poesia e Teatro Na Trajetória de um Afro-Brasileiro (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado, 2005.

Disponível em

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=107478

GREGÓRIO, M. do CARMO. *Solano Trindade e os Dilemas da Identidade Negra*.

IN: *Revista Pilares da História*. IHVTSB; Câmara Municipal de Duque de Caxias:

Duque de Caxias, ano 7, No 8, maio de 2008.

GUIMARÃES, A. S. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, A. S. *Como trabalhar com "raça" em sociologia*. Educação e Pesquisa,

São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>

HASENBALG, C. A. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

HATTNER, Álvaro L. *A Expressão da Negritude na Poesia e Langston Hughes e Solano Trindade*. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP – Araraquara. 1992.

HOBSBAWM, E. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IANNI, O. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

JUNIOR, Benjamin A. *Antonio Jacinto, José Craveirinha, Solano Trindade – O Sonho (Diurno) de Uma Poética Popular.* Texto I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Repensando a Africanidade, realizado na Universidade Federal Fluminense, em 1991, e editado em seus Anais 1995.

LANNES, L. *Entre a Miscigenação e a Multiracialização: Brasileiros Negros ou Negros Brasileiros?* Tese de Doutorado, 2008.

LIMA, A. SILVA de. *Comunismo contra o Racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939).* Tese de Doutorado. USP, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23112015-134031/pt-br.php> último acesso em: 09/12/16

MARX, K.e ENGELS, F., *A Ideologia Alemã.* São Paulo: Boitempo 2007.

MARX, Karl. *As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850.* Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/>. Acesso em: 23 de setembro de 2016.

MATTOS, M. B. *A Associação Internacional dos Trabalhadores e o Brasil: pensando Marx, o Movimento Internacional da Classe Trabalhadora, a escravidão e a questão racial.* IN: Revista História & Luta de Classes, ano 11, Edição No. 20, 2015.

MATTOS, M. B. *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca.* Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MATTOS, M. B (org). *História: Pensar e Fazer.* Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998.

MELLO, M. de. *O Encontro da Cultura Popular e os Meios de Comunicação na Obra de Solano Trindade: os anos em Embu das Artes (1961-1970)*. Dissertação de Mestrado. USP, 2009.

MENDONÇA, S. R de. *O Estado Ampliado como Ferramenta Metodológica*. Marx e o Marxismo v.2, n.2, jan/jul 2014.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Cadernos PENESB, Niterói, nº. 5, pp. 15-34, 2000.

NASCIMENTO, A.; SEMOG. *Abdias Nascimento: O Griot e as Muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

POULANTZAS, N. *O Estado, o poder e o socialismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

PEREIRA, A. *O Mundo Negro: A Constituição do Movimento Negro no Brasil (1970 – 1995)*. Tese de Doutorado, 2005. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1254.pdf>

PEREIRA, Sandra G. Magessi. *Vozes Afro-Caxienses: Ecos Político-Culturais dos Movimentos de Resistência Negra em Duque de Caxias (1949-1968)*. Dissertação de Mestrado, USS. Domínio Público, 2006.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SANTOS, J. RUFINO dos e BARBOSA, W. do NASCIMENTO. *Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

SANTOS, Rodrigo Luis. *Considerações sobre a atuação do núcleo rio-grandense da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e a formação de uma rede política.* In: **Viana, Marcelo et al (orgs.)** *O Historiador e as novas tecnologias – reunião de artigos do II encontro de pesquisas históricas – PUCRS.* Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2015.

SANTOS, Suely M. P. dos. *A Importância da Obra de Solano Trindade no Panorama da Literatura Brasileira: Uma Reflexão Sobre o Processo de Seleção e Exclusão Canônicas.* Dissertação de Mestrado, UFES, 2012.

SANTOS, RICARDO A. DOS. *Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-1937).* Tese de doutorado. Niterói, 2008. Disponível em [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_SANTOS_Ricardo_Augusto_dos S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_SANTOS_Ricardo_Augusto_dos_S.pdf)

SANTOS, OLUEMI A. dos. *Nas Sendas da Revolução: A poesia de Agostinho Neto e Solano Trindade.* Dissertação de Mestrado. USP, 2009.

SCHWARCZ, L. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEMÓG, E. *Tudo que está solto.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010

SEMOG, E. NASCIMENTO, A. *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas.* Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SOUZA, Elio F. de. *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes.* Tese de Doutorado, UFPE, 2006.

THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, S. *Cantares ao meu povo*. São Paulo: Editora Fulgor, 1961.

_____. *Poemas D'uma Vida Simples*. Rio de Janeiro 1ª edição, 1944.

_____. *O poeta do povo*. São Paulo: Ediouro, 2008.

WILLIAMS, R. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Unesp, 1980 (2005).

WOOD, E. M.; FOSTER, John B. *Em defesa da história: Marxismo e pós modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.